



272

A Faca e o Rio

Odylo Costa, filho

CONVÊNIO
MOBRAL-FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
INL-INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A./MEC

Costa Filho, Odylo, 1914 -

A faca e o rio. Pref. de Raimundo Moniz de Aragão. Romance adaptado pelo autor. Ilust. de Virgílio Costa. Rio de Janeiro, Mobral, INL, J. Olympio, 1974.

181 p. ilust. 15 cm

1. Novelas brasileiras. I. Moniz de Aragão, Raimundo, 1912- , **pref.** II. Título.

CDU: 869.0 (81)-31

CDD: B869.35

MOBRAL BIBLIOTECA

272

A Faca e o Rio

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Emílio Garrastazu Médici

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Jarbas Gonçalves Passarinho

PRESIDENTE DO MOBRL
Mário Henrique Simonsen

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Maria Terezinha Tourinho Saraiva

DIRETOR DO INL
Maria Alice Barroso

VICE-DIRETOR
Maria Helena Giordani

Odylo Costa, filho

A Faca e o Rio

Prefácio de Raimundo Moniz de Aragão
romance adaptado pelo autor

Ilustrações de Virgílio Costa

CONVÊNIO
MOBRAL-FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
INL-INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A./MEC

Rio de Janeiro Guanabara 1974

Prefácio não escrito

Meu caro leitor.

Convocado pelo Mobral à grata tarefa de prefaciар esta edição de “A Faca e o Rio”, o livro vitorioso de Odylo Costa, filho, que, depois de traduzido para o inglês e o alemão, já foi até filme aplaudido, na versão do cineasta George Shuizer, quero dirigir-me, de preferência, ao leitor que se inicia na experiência maravilhosa da leitura de ficção.

Com solicitude de colega mais antigo, começo por dizer-lhe que a prática de colocar em cada livro um prefácio, não decorre de qualquer imposição, antes reflete a convicção geral de que, entre o autor e o livro por ele escrito, existem afinidades — quase diria laços de sangue — por forma que, conhecer um, melhor permite compreender o outro. Escrever um prefácio é, pois algo assim como apresentar o autor ao leitor. Isso, e algo mais, talvez.

Ninguém conhece um escritor sem ler as suas obras. Mas, saber coisas do autor — onde e quando nasceu, o que estudou, o que fez, o que viu, o que amou e o que sofreu — contribui, por sua vez, para a mais fácil e melhor compreensão dos livros que escreveu.

Se o processo de criação literária — a feitura de um livro, fosse inteiramente autônomo, isto é, dependesse apenas do que é ingênito no escritor, daquilo que com ele nasceu, isso já seria razão suficiente para que o autor deixasse impressa, em suas obras, a feição própria de traduzir em frases a sensação ou o sentimento, tão peculiar e tão inconfundível como a sua impressão digital.

Em verdade, porém, na criação literária concorre, junto ao inato, a soma das experiências vividas pelo autor: as coisas que lhe ensinaram, as impressões recebidas, os sucessos e os fracassos, tudo, tudo, enfim, quanto a memória conservou ou se transferiu impressentidamente aos arcanos do subconsciente; e esses

elementos contribuem para conferir à obra aquele tom caracteristicamente pessoal, que a torna inconfundível. É por isso que um prefácio começa, geralmente, pela biografia sumária do escritor.

Quando digo, por exemplo, que Odylo nasceu em 1914, em S. Luís do Maranhão e, transferindo-se com a família a Teresina, aí realizou a aprendizagem das primeiras letras e o curso ginásial, estou a oferecer ao leitor, só com isso, inúmeros dados que aclaram e enriquecem a leitura que vai empreender.

A data do nascimento, situando a sua infância nos anos que sucederam de imediato à época fabulosa da valorização da borracha, sugere, de pronto, a imagem de Odylo ainda menino, olhos acesos, atento às histórias fantásticas — de nordestinos enriquecidos na Amazônia das primeiras décadas deste século. Nessas histórias — reais umas, frutos de mera imaginação outras, o que incendeia a imaginação da criança, que não mais as esquecerá, é a figura do seringueiro, herói crioulo, transformado em ingênuo novo-rico que, de volta ao Nordeste, assombra os conterrâneos acendendo o charuto, sinal da abastança recente, em chama de nota de conto de réis.

A história que este livro conta, uma das que levam crédito, Odylo a ouviu do pai e, por sua vez, Odylo, neto, escutou — já de segunda mão — em narrativa incompleta, como incompleta ficou a sua vida, quebrada, como a haste de

um lírio, pela bala assassina de um assaltante vulgar. E como Odylinho a quisesse terminada, ela aí está, contada pelo homem que a ouviu criança, obrigado a escrevê-la agora, pela força da lembrança reprimida, que se quer comunicar, e da saudade que busca restabelecer no fio da narrativa retomada, o fio da convivência brutalmente interrompida.

Da força conjugada desses dois sentimentos é que ressurge do fundo da memória e das sombras de um período morto, a figura máscula, rude e trágica de João da Grécia. Porque, é no momento em que ele emerge do seio do “Inferno Verde” — como se fez conhecida a floresta amazônica, atraente e ameaçadora, a prometer riqueza e a conduzir, tantas vezes, à morte — que a história realmente começa: tudo quanto antes é dito, visa simplesmente conduzir ao essencial da narrativa — a subida lenta, angustiosa, incoercível do rio, pelo casal desavindo.

A referência a Teresina, situada à margem do Parnaíba, e local onde transcorre a infância do autor, insere instantaneamente na narrativa, a visão do grande rio que, no mapa, assinala a divisa entre o Maranhão e o Piauí, mas, na realidade, une os dois Estados, eis que as terras de uma e outra banda encontram a fertilidade no humos que lhes lançam, nas cheias, as suas águas.

Grande rio, palco móvel em que decorre a maior parte, e a mais importan-

te, da estória, cuja dramaticidade, a um tempo simples e patética, criada por força exclusiva da paixão, violenta e cega, de uma natureza primitiva, envolve o leitor em angústia que lhe oprime o peito, sufoca-o, quase o engolfa, como as águas, na lagoa das Contendas, um dia cercaram e, subindo, ilharam o personagem central do livro.

Grande rio, longo caminho por onde deslizam em rumos contrários duas correntes — uma, a das águas que, em veios tímidos a princípio, descem das nascentes, aprisionadas nos grotões e ravinas da serra de Tabatinga, para confluir, na planície, em caudal volumosa que, impulsionada por uma atração incoercível pela amplidão, pela liberdade, demanda o oceano; outra, a da história que, ao reverso, remonta o rio, lenta, dolorosa, teimosamente, arrastando, de modo fatal, seus personagens ao desastre, à prisão, à morte, como o destino cego nas tragédias gregas.

A natureza forte, concentrada, altiva, expõe João da Grécia a uma paixão tardia, exigente de exclusividade, mas também de retribuir, suprimindo com riquezas o amor, porventura escasso; mas, o mesmo sentimento, envenenado pelo ciúme, fruto da suspeita ruminada até a loucura nos anos de solidão passados na Amazônia, exige, em mal-compreendido senso de dignidade, a morte da mulher que pensara cobrir de jóias e o cobrira, acreditava, de vergonha e opróbrio.

Durante a demorada viagem de volta ao sítio onde primeiro amou e no qual, ao fim, João da Grécia matará a mulher, a faca ora se mostra, ora se esconde no fundo da arca, ao compasso alternante dos sentimentos contraditórios. É para matar, mas não a um qualquer; fosse o rival, bastaria ao ódio apenas uma faca comum, forte, afiada, que pronto rompesse as carnes e chegasse ao coração; mas, é a mulher amada que está em causa, única aceita desde que conhecida. É por isso que a faca tem que ser de punho de prata e lâmina de bom aço cortante: o ciúme, ainda amor, embora corrompido, exige faca especial, de lâmina que fira fundo e rápido, que mate sem sofrimento, e de cabo de metal precioso, lavrado, porque destinada a uma última e louca prova de amor.

Ao matar a mulher, pensava João da Grécia ligá-la a ele — que morto já estava pelo desespero silencioso, embora vivo pelo desejo da carne e da vingança; e uni-la por forma que, nem ele, como o fizera em seu louco sonho de prodigalidade, nem ninguém ou coisa alguma, como fizeram, em conjura, o abandono e a fome, os pudesse separar. Afinal, ficou ao Juiz o encargo de uni-los, agora para um outro leito, na mesma terra e sob a mesma lápide, e sob uma cruz, a qual, de braços separados, apontando direções opostas, paradoxalmente congraça, absolve e reúne.

Mas voltando à questão do prefácio. Ao informar que, aos quinze anos, ingressou Odylo no jornalismo, “foca” do semanário Cidade Verde, ainda em Teresina, e que, mais tarde, no Rio de Janeiro, o pratica, quase ininterruptamente, de 1931, quando entrou pela mão de Félix Pacheco no Jornal do Comércio até 1965, quando se afastou para ser Adido Cultural na Europa, de pronto esclareço porque o seu livro é, a um tempo, extremamente rico de matéria e escasso de páginas.

Odylo jornalista, fazendo habitualmente a crônica diária, precisou sempre ir direto ao acontecimento e, do comentário oportuno, ao conceito, ao julgamento, sem se deter em longas descrições. E assim, pela exigüidade de tempo e espaço, disciplina-se e esmera-se em traduzir em poucas e incisivas frases, tudo o que anseia por expressar.

Mas, que poder pictórico, que força evocativa em cada proposição! Ao dizer, por exemplo, com total simplicidade — “Quando menino furtei moedas” e, adiante, “estranhei o carão. Por tradição imemorial na casa os nêqueis eram nossos”, ele nos remete ao tempo da meninice, em que o furto de moedas não é crime, porque prática tolerada, e nem mesmo falta, pela ausência de sentimento de culpa. E então, instigados por suas frases incisivas, plenas de sugestão, nós leitores fazemos o resto: recriamos a “sala de estar” da casa do Juiz austero

e, pois, de poucos haveres; identificamos o móvel onde se guardam, mas não se trancam, as coisas de valor; presenciamos o flagrante em que o surpreendido é o adulto, que não percebe a sua incoerência em dar valor especial a “dinheiro de preso”, e não o menino, em cuja lógica irrespondível, as notas graúdas são para os “grandes”, e as moedinhas, de tostão ou cruzado, para as “crianças”.

Bem, leitor amigo, prefácio é qualquer coisa como o descrevi. E, agora que o devia iniciar, vejo que se esgotaram o tempo e o espaço que me foram concedidos.

Em verdade, Odylo escritor está apresentado; não, porém, o homem. É que Odylo não é para biografia; é para a conversa, a convivência, a amizade; posso dizer o que ele fez ou o que faz; nunca, o que ele é: as palavras não seriam suficientemente adequadas, transparentes, luminosas, para retratar o homem de sensibilidade, inteligência e afetividade que, se o leitor tiver um dia a felicidade de o conhecer, verá que Odylo é.

Moniz de Aragão

Sumário

A Faca e o Rio	19
I — No Vale do Rio Parnaíba	
1 — João	25
2 — Maria	31
3 — João e Maria	35
4 — O Sítio	42
5 — A Vaquejada	48
6 — Deodato	52

7 — Conversa de Caminho	59
8 — São Luís	64
II — No Vale do Rio Amazonas	
1 — O Barracão	69
2 — Zeferino	75
3 — Couro de Boi	78
4 — A Briga	82
III — No Vale do Rio Parnaíba	
1 — O Encontro	89
2 — A Faca	93
3 — A Despedida	96
4 — O Trem	99
5 — A Passagem	101
6 — O Mercado	107
7 — A Polícia	112
8 — Ana	116
9 — Dona das Dores	119
10 — A Viagem	123
11 — Letra	127

12 — As Noites	129
13 — A Caçada	133
14 — A Carta	137
15 — A Criança	141
16 — A Doença	143
17 — A Barca	147
18 — O Banho	150
19 — O Presente	153
20 — Dr. Genésio	156
21 — O Bumba-Meu-Boi	158
22 — O Inquérito	161
23 — Correspondência	164
24 — Uma Faca por um Anel	166
25 — Conhecidos	168
26 — Meu Pai	170
27 — A Confissão	173
28 — Água Azul	175
29 — Uma Pedra e uma Cruz	178

A Faca e o Rio

1

Eu, na verdade, já furtei. Quando menino, furtei moedas. Eram moedas de dois tostões, de cruzado, e, mais raras, de mil-réis. Os meninos de hoje, acostumados com essas moedinhas miúdas, não sabem que beleza tinha um cruzado, de um lado a cara de uma mulher de barrete (era a República, explicava meu Pai), o desenho do algarismo do outro: “400 réis”. Em volta, as palavras mágicas: “Ordem e Progresso”. Ainda 19

conheci moedas de vintém, mas dessas não havia na parte mais baixa da estante nova de meu Pai, juiz na pequena cidade de São Francisco, na beira do Parnaíba. Descobri-as e andei tirando, hoje uma, amanhã outra, quando um dia meu Pai soube e levei um carão quase ríspido.

2

Estranhei o carão. Por tradição imemorial na casa, os níqueis eram nossos.

3

Tive de contar o dinheiro para ver quanto faltava. Chorei. E voltei a arrumar direitinho os sacos de pano, meio inconformado com aquela inesperada revelação de avareza paterna.

4

— Esse dinheiro é sagrado. Dinheiro de preso é sagrado.

Parou para tomar folego (estava mesmo zangado, muito zangado).

Disse:

— Esse dinheiro tem uma história.

Só muitos anos depois é que me contou a história.

5

Dizia também:

— Esse dinheiro é do João da Grécia.

E não explicava mais nada.

6

Ora, eu conhecia João. Era preso, mas vivia solto. Não havia ninguém melhor para menino. Fazia gaiola de buriti, armava arapuca, ensinava a soltar pião. Papagaio feito por ele subia mais alto. Conhecia o lugar do rio onde se podia banhar sem perigo de piranha e apanhava no mato arará, puçá e bruto. Eu não compreendia aquele mistério,

nem certas advertências de minha Mãe:

— Você não devia deixar os meninos nessa amizade com João da Grécia.

7

E um dia vi passar uma rede ensopada de sangue, tiraram-me dali depressa, quis ir ver, lutei para ir ver, disseram que era João da Grécia, tinha levado uma facada, me agarraram para dentro de casa.

Não me deixaram ir no enterro. Nem me lembro se houve enterro. Sei que nunca mais o vi.

8

Só muito tempo depois meu Pai me contou a história.

I No Vale do Rio Parnaíba

1 João

1

Meu Pai conheceu João quando chegou à comarca.

Juiz novo, muito capanga solto, quiseram dar-lhe João como guarda-costas. Recusou. Achou graça no apelido:

— Da Grécia? Por que da Grécia?

Eram umas terras entre o Sítio Escuro e o Olho-d'Água da Prata, no caminho da lagoa do Buriti-Só. Um socavão no mundo, morro e

brejo. João fora vaqueiro lá muitos anos, brigara um dia por umas injustiças na partilha do gado da era de 88, diziam que ainda quis pegar o dono, afinal segurara à força uma rês e ele próprio a ferrara com sua marca desenhada a faca. Levou dois anos de cadeia.

Mas não era violento, antes paciente. Meu Pai foi conhecendo o homem, afeiçoou-se a ele. Viu que era forte como era bom, só que a injustiça o revoltara por demais. Acabou de cumprir a pena, foi ficando por ali: Meu Pai umas terras que tinham sido de seu avô comprou de volta, pôs umas reses, deu a João para vaqueiro. Só de uma coisa não gostava: João era um velho viúvo, as filhas casadas viviam longe, espalhadas no mundo. Com ele morava apenas um menino de nove anos, Deodato, filho de criação, que tinha em João ao mesmo tempo mãe, pai e companheiro de brinquedo.

2

Noite de tempestade no Olho-d'Água da Prata. Há tanto raio, chuva e trovão que até bicho do mato espantado entra em casa, minha Mãe acha duas cobras na varanda, e o peitoril, quando por instantes

estia, fica aceso de vaga-lume. As lagoas enchem depressa, soluçando grosso, e a lagoa das Contendas lá para meia-noite sangra com força.

Nos parís, deixando a chuva escorrer no corpo, os meninos vão buscar, de manhã cedinho, as curimatás prateadas, de três palmos e mais, que sobram entre piaüs, sarapós, lampreias, mandis, mandis-sapos, mandis-de-carro, cascudos.

Mas a chuva dura três dias e três noites, e quando suspende é para começar mais forte. De dia ainda estia aqui e ali, mas as noites são escuras e povoadas de gritos, gente perdida, paus desabando, sapos berrando. É na terceira noite, noite de breu, que a água pára de cair e da casa-grande ouvimos, cada vez mais perto, o alarido de quem procura caminho.

Então, de repente, na luz da mesa do jantar, toda ainda posta, aparece rasgado de espinho João. Traz nos braços seu filho de criação, Deodato, que dorme.

A água que dele escorre se junta no chão da varanda, onde mal chega a luz do lampião.

A roupa é pura lama e os rasgões sangram pelo corpo todo. Vergonha de ter-se perdido, de não ter visto que a chuva estava ali, santo Deus! Pois se perdeu! Contava chegar ainda com dia, quando viu escureceu, quis tomar um atalho, caiu a noite e a chuva, de repente a escuridão o cercou, ainda umas orelhas de palmeira deitavam um vago luar na beira da estrada, mas no cocal já não havia sinal de caminho, buscou uma vereda no morro das Tabocas, não divisou, reconheceu o Sangrador, se orientou para as Tiúbas, talvez fosse mais certo enviar para as Piranhas ou para o Castelo, evitar o riacho da Canoa, que sempre tomava água muita. Não via mais nada. O menino era valente, mas o animal estava assustado. Não enxergava nada, deu as rédeas ao Pé-de-Vento, e quando viu estava se enterrando na lagoa das Contendas. O menino tinha frio, mas não chorava, a água caindo sempre, o cavalo o puxou por umas galhas de unha-de-gato, a lama comendo por baixo, mandou o menino segurar-se, sentiu o olho direito rasgar-se nos espinhos, gritou muito, surrou o cavalo, de repente sentiu chão firme, parou, agora era esperar o dia e que vazado o sangradouro

as águas baixassem, botou o menino nos ombros, custou muito a amanhecer, o menino pesava mas qualquer movimento era um perigo, o rosto sangrava mas era preciso ficar imóvel, parado como um pé de pau. Quando o dia começou a clarear é que viu mais ou menos onde estava, mas não podia se mexer nem de leve, o chuvão caindo, caindo sempre, ainda pensou em botar o menino em pé na garupa do cavalo mas teve medo dele escorregar e cair, as águas em vez de baixar subiam, de longe em longe gritava. Só no fim da tarde o compadre Solano, que andava atrás de uma vaca amojada do João Gaú com medo dela ter cria e se atolar nas Contendas, percebeu um vulto e foi ver o que era, o caminho estava ali mesmo, a casa do Luís Susana a vinte braças, só que tinha se areado com a noite, a chuva e o cuidado no menino... Ainda descansou um pedaço, mas um pedaço apenas, uma meia horinha, quis chegar logo, meu Pai que é doutor e minha Mãe que tem coração bom precisam ver o Deodato se está bem.

escancarados o pavor daquelas horas esperando a água baixar e vendo a água subir, e o espanto de ter escapado com vida graças aos ombros daquele velho que sangrava, que está sangrando...

2 Maria

1

Chamava-se Maria, Maria apenas.

2

Gente rica é que tem moda.

Moda de pobre é uma só. Não sei se desde que o mundo é mundo, 31

mas desde que me conheci.

Só uma coisa mudou, que me lembre: não há mais daqueles botões de colarinho que seguravam abrindo para um lado o semicírculo maior, para outro o menor.

Era o que caboclo mais pobre usava.

Os mais desapertados, porém, preferiam um botão banhado em ouro.

João da Grécia, era desses que possuía.

3

As mulheres, não.

Gente do povo ficou até hoje fiel aos vestidos compridos com que, outrora, as donas ricas, para seguir o modelo de Paris, enfrentavam as coroas de areia do rio Parnaíba. Botinas e vestidos de saia rodada, roçando na areia.

E havia um gesto com a mão para pular as poças d'água, suspendendo com os dedos magros a saia comprida, que enlouquecia os cris-

Maria, criada em casa de gente rica, que mão pequena tinha para endoidar um cristão!



3 João e Maria

1

Fala de João para meu Pai:

— Doutor, em vinte anos não pensei em casar de novo. Desde que minha finada mulher morreu no hospital, fiquei sem terra, sem dinheiro — e com menino muito, só mulher tinha oito. Criei tudo, andam aí pelo mundo, hoje minha casa é sozinha como tapera e triste como choro de mãe-da-lua. Criei sem terra que me desse de comer

para eles, a terra vendi para pagar médico e hospital e não me arrependo, era a mãe dos meus filhos e fiz o que pude pra não ficar viúvo.

E agora lhe digo, com o senhor falo sério, que é meu patrão e mais do que isso, não sei como pagar o que tem feito por mim, mas conheço a moça desde menina. O senhor sabe? Nunca que contei isso a ninguém, mas ela ainda é parente perto de minha finada mulher, e conheço a Maria desde meninazinha. Andei lá pela casa deles já depois de viúvo quando juntei dinheiro para comprar umas terras, sabia que por lá tinha uns brejos bons para plantar, botei-me para as bandas do Riachão. Arranchei-me com o pai dela, meu xará, os cobres que tinha emprestei a ele pra ver se se livrava da ambição de um tal de Juca, que já era dono do município todo, mas tinha botado o olho na terrinha pouca do João. Emprestei, nada. Dei o que levava e mais tinha dado, que ele tinha mais precisão, injustiça me dói, mas de nada adiantou que o coitado morreu, dizem que com as pernas e os braços partidos que nem Nosso Senhor Jesus Cristo. A mulher, essa não largou seu homem, me disse o Doutor Dario que viu a pobre subir de barriga grande na calçada para pedir pelo marido ou ao menos para ver mesmo sem falar, o capanga derrubava a coitada com o rifle. Sofreu

mas não morreu. Quando soube já não tinha jeito a dar. Mandeí buscar a bichinha, que tinha nascido viva e esperta. Mandeí buscar as duas, ela e a irmã mais velha, que de ir não garantia que agüentasse ver o tal de Juca sem nenhuma ação, mas de ir não carecia: o sangue derramado, se tinha cruzado com o meu, não era o meu. Foi quando o homem morreu, e aquela gente por lá respirou mais desafogada. Mas a viúva, muito ajudada pelo finado Coronel Clemente, que era inimigo deste tal de Juca, nem assim quis ficar por lá, mudou-se pra Caxias, não me deu as meninas, que criou trabalhando mas com dengue de filha rica em casa de pobre. Minha tia Gertrudes — chamo assim porque aprendi com minha finada mulher — é dela aquela padaria ali em frente à estação de Caxias. Mulher de coração de cera mas que gosta de trabalhar como ninguém. Nunca se curou direito da dor de perder o marido daquele jeito, mas o senhor sabe que gente não é como cavalo: por um nada morre, por um tudo vive. Dor não mata!

2

— João, não sei o que dizer, você é homem velho, mais velho do que eu, a moça mais nova, tem a metade da minha idade. Você soma os meus anos e os dela, está se arriscando muito. Só fico com cuidado porque você é um homem sério, mas ela, se bem que quase tem o seu sangue, é bonita e impetuosa.

— Doutor, não calçando perneira nem metendo gibão, não vou pegar boi no campo. Ou compro poldro novo ou cavalo velho não compro. Fui casado com mulher velha, se agora fizesse o mesmo estava mal. Tiro um espinho, boto outro. Tirei? Tirei não.

— Você não sabe o que é uma menina de dezoito anos.

— Ela está com vinte. Cavalo quando é novo e corredor quer tirar meia-légua, a gente tira um quarto, ele baixa a quentura.

— João, olha bem, pensa no que você está fazendo. Na sua idade a gente não casa para desmanchar no outro dia, tem de dar o exemplo e respeitar o sacramento.

— Doutor, cavalo velho no capinzal de toco entristece, numa quinta verde rincha. Não vou caçar tatu velho que não cozinha mais. Peguei um ruim, pego um melhor, não largo nunca.

— João, você já não é criança. Larga, sim: deixa viúva nova e bo-

nita.

— Sou da raça de índio, minha avó foi pegada a laço nas terras de Pão-de-Açúcar. Fui cativo, suei no eito, sei o que é sol comendo no lombo da gente. Mamei até os quatro anos em minha mãe, que era ama-de-leite do finado Tenente Zuza do Brejão. Vou viver mais velho do que o velho Joaquim, que está de cabeça branca e ainda tira mel de jataí.

— Tem muito caboclo novo por aí rondando a Maria...

— Novilhote não vem na porteira do curral, onde marruá geme. Mulher sabe o homem que tem. Mas se as coisas não derem certo não mudo de mulher, não, doutor: prefiro mudar de terra.

— Não fale nisso, homem, vamos fazer esse casamento depressa — que eu sei que a escravidão acabou mas por mim você não sai nunca destas bandas. Pra um casamento ser bom, basta que dois queiram, mas queiram mesmo. Você quer, estou vendo. E a Maria, essa quer também?

— Quando está perto de mim, quer; mas não sei se o senhor conhece uma Dona Ana, que tem banca no mercado em Teresina, e fala mais alto do que bode enganchado em cerca. Pois essa mulher veio

passar uns tempos aqui. Eu conheci a tal Dona Ana noutros tempos, nas Mangueiras, e ela até se dava comigo muito, mas não larga a cabeça da menina com história de velho praqui velho prali. Como se ela própria não fosse velha como eu! Foi até cativa!

— E vai daí a moça não quer mais, João?

— Doutor, mulher não quer casar, casa, na cama acostuma — como novilha acostuma com a malhada.

— Mas a Maria quer ou não quer, João?

— Ela tem lá coragem de negar? Casava com ela, doutor, nem que outro já tivesse conhecido e estivesse na casa do sem-jeito. Nem que não servisse pra ninguém, para mim servia.

3

No civil casam-se depressa, daí a um mês. No católico, têm de esperar pelo padre, que foi a São Luís, não tem dia de voltar.

João, porém, deixa Maria, já sua mulher diante da lei dos homens, morando com tia Gertrudes numa casinha que alugou. Espera, para consumir o casamento, que Deus o abençoe. Assim, meses depois, quando o Padre Cirilo regressa, Maria casa no altar de Maria Virgem — de véu e grinalda. Meu Pai e minha Mãe, testemunhas do casamento, avançam devagar, com o pequeno grupo, pelos caminhos margeados de carrapicho do largo até a igrejinha de S. José de Ribamar, sob o acompanhamento, entre solícito, enternecido e sorridente, da banda de música que o escrivão Militão rege com discrição e experiência.

Não volta para o Olho-d'Água. Maria não quer viver na roça.

— Com uns cobres que apurei — conta a meu Pai — vou abrir uma barraca na feira, morar por aqui uns tempos. Penso também em arrendar uma quinta na beira do rio, trazer umas vacas para tirar leite, talvez começar uma vacaria...

4 O Sítio

1

1904.

A pequena cidade de São Francisco, nas margens maranhenses do rio Parnaíba, setenta léguas acima de Teresina.

O rio. No rio, os gaiolas e as canoas. No rio, as barcas e as balsas de buriti. Nas barcas, gente, bichos, um homem pescando de anzol.

42 Nas balsas, montes de melancias, melão, laranjas. As rampas do porto.

O porto, com seus ancoradouros inclinados, calçados de pedras irregulares. As coroas de areia, com as praias para o rio. No sol, no meio da areia, a figura da arrematante da passagem, com uma bolsa grande na mão, sentada numa cadeira, sob uma pequena coberta de palha. Numa das rampas que descem para as águas barrentas, Marcionílio, o aguadeiro, baixinho, meio bêbedor, enche às ancoretas de um jumento que tem as pernas mergulhadas na lama da beira do rio. As ancoretas se desequilibram à medida do próprio desequilíbrio de Marcionílio.

Nos arredores, as roças verdes das vazantes.

As ruas de terra solta, areenta, com poças d'água. Senhoras passam com vestidos compridos, sombrinhas, botas altas de elástico, à moda de Paris. Saltam, com a saia arregaçada, pelas poças d'água. Calçada alta, sobem a calçada, com pequenos gritos.

É a casa do Juiz que está em rebuliço. Caia-se o oitão, pintam-se portas e janelas, lavam-se os grandes tijolos quadrados do piso.

A pequena cidade. O mercado. Perto do mercado, caboclos rodeiam uma pequena barraca. É a barraca do garapeiro.

Mas no escritório meu Pai trabalha, isolado dentro de si mesmo.

Vendo chegar João, pára o que escreve para atendê-lo. João senta-se numa das cadeiras de palhinha, o que nunca — ou quase nunca — faz, sinal de que a conversa é grave. Está também com o colarinho abotoado, a roupa branca vestida pela primeira vez depois de bem lavada, bem engomada. E traz na mão direita dois sacos, que descansa na coxa esquerda.

Há um silêncio, quebrado por minha Mãe, que aparece na porta, não entra:

— Como vai, Seu João? Como vai a Maria? Quando é que tem menino lá?

E meu Pai, meio rindo:

— Eles só casaram na igreja outro dia, você já quer menino?

Riso encabulado de João.

— Então, João, que resolveu? Quer mesmo ficar com o Humaitá?

— Doutor, deixe pelos quinhentos. A terra é pouca. Está longe do Olho-d'Água e da lagoa. Eu é porque quero ir-me embora daqui, não estou me dando bem, não. Maria é muito moça, aqui tem muita festa. Doutor, não faça isto comigo não. Deixe pelos quinhentos.

— Ora, João, você está ficando rico. É só no que se fala na cidade.

— Doutor, não diga isso não, doutor. Eu gosto de trabalho mas o senhor bem sabe que o pão do pobre é o trabalho.

— Deixe de história, João. Quantas onças você já matou este ano, a dez mil-réis cada uma?

— Cinquenta e três, seu doutor. Veja aqui de cinco em cinco. (Tira do bolso um caderninho, mostra os dez grupos de traços verticais cortados por um risco horizontal, e já três marcas a formar o décimo primeiro.)

— É tudo pegado a faca?

— Todas elas, seu doutor. Os cachorros acuum, eu fico espiando a onça. É preciso muito cuidado para ver de que lado ela incha para armar o pulo. Se a gente atacar do lado de que ela vai pular, está perdido. Mas até hoje não perdi, tive o gosto de sangrar as cinquenta

e três malvadas.

Longo silêncio. João de olhos no chão.

— O dinheiro do sítio é dinheiro de onça, dinheiro da garapeira ou dinheiro da vacaria, João?

Encabulamento de João:

— Deixe de graça, doutor. Resolva logo. Maria ficou sozinha em casa.

— Está bem, João, eu vendo, mas vendo só por ser pra você. Mas você me traz o dinheiro ainda hoje e me pede à Maria que venha ajudar amanhã, na festa da chegada do Doutor Tavinho do Amazonas. E você vem para a vaquejada, para dar lição a essa rapaziada.

— Doutor, o dinheirinho eu já trouxe, nhor sim. Dê licença.

Põe em cima da mesa dois saquinhos, desamarra. Meu Pai se espanta em grandes brados:

— Dinheiro em saco, João! Por isso é que dizem que você gosta de juntar, está rico!

João cala, sorri, começa a contar. São moedas de cobre, vinténs, tostões, duzentos réis, cruzados, dez tostões...

Meu Pai interrompeu logo:

— Que conversa é essa de contar dinheiro pra mim, João? Você contou, está contado.

As mãos se estendem para as do menino, o menino abre a estante, guarda o saco na prateleira bem de baixo.

4

— Outra coisa, João — fala meu Pai. — Se quiser voltar para cuidar do meu gado, é pertinho, posso até situar a sede no Humaitá.

— Não, doutor, a gente não volta a fazer de novo o que já deu certo uma vez: pode não acertar na outra. Cavalo que a gente põe pra esquipar e ganha corrida, ganhou: correu outra vez, pode perder. Depois, não é só do sítio que vou cuidar, da mulher também...

— E Deodato? Não quer me dar ele para vaqueiro?

João ri, envaidecido:

— Deodato ainda é menino, doutor. Nem não inteirou quinze anos. É verdade que campeia melhor do que muito por aí que se diz vaqueiro: Mas por ora nem buçou...

5 A Vaquejada

1

João tem a seu lado Raimundo e José. E ficam parados, nos cavalos dóceis, enquanto os outros vaqueiros se mexem, correm, voam, derrubam vaca pelo rabo, enfrentam boi pelo chifre. Parados: só nas grandes sortidas é que se mexem, por ordem: primeiro, José do Sítio Escuro, depois Raimundo das Abelheiras. E quando o laço não pega na rês ou a rês não cai, João da Grécia avança, com seriedade, e quase

sem gesto, quase com desdém, ensina.

Na tourada, deixam para o fim — e para ele — o boi mais arisco, marruá que nunca veio ao curral e não tem a cegueira morosa e dolorida dos zebus recém-castrados. Puro corisco de que debalde os outros tentam chegar perto e que ele enfrenta, sólido, de chuço quase encoberito. O cara-branca ainda lhe rasga de leve a perna, num ataque fulminante contra a cerca de carnaúba; mas logo cede, laçado, sangrado, amarrado para a humilhação suprema.

2

A clara tarde se confunde com a noite de luar que chega quando os vaqueiros se juntam no pátio da igreja para levar oferta ao Santo. É noite de novena dos vaqueiros. João vem à frente, de roupa de couro nova, e não se nota, à primeira vista, a idade.

(À primeira vista... Santo Antônio que casou João, olha por ele! Olha pela mulher dele, que é moça e bonita, e sabe que é moça e bonita, e João só não é velho na força, tem amor de velho, ciúme de velho. Até o padre falou zangado na igreja quando viu Maria. Maria

foi se confessar, as mangas eram cavadas, fez o pelo-sinal, o padre olhou, disse: “Não confesso braço.” E Maria: “Não vim confessar braço, mas pecado.” Braços de Maria, que nem deixam o padre rezar. Santo Antônio que casou João e Maria, olha por João, olha por Maria...)

3

De noite, no pátio, enquanto com grandes gabos os moços doutores vindos do Amazonas com o Dr. Tavinho lhe festejam as façanhas, João tem uma surpresa:

— Compadre Libânio!

Libânio foi escravo com ele, está de carapinha branca, mas se mexe entre os doutores como se fosse doutor. Roupa fina, de brim branco bem engomado. Nem pede para tocar violão quando começa o desafio. Esqueceu. Os versos que sabe agora são versos de moço formado. Os doutores se divertem mandando-o recitar “O Navio Negreiro” outros em que se fala de pombas voando ou de ouvir estrelas.

— Compadre, você casou com mulher nova, se for embora daqui não leve pro Amazonas. Lá borracha vale mais do que ouro, mas mulher vale mais do que borracha. Lá se mata por causa de mulher todo o santo dia. Se quiser enriquecer depressa, compadre, vá pro Amazonas; num ano Seu Pio lá das Mangueiras juntou mais dinheiro do que formiga de asa em dia de chuva. Lá dinheiro se apanha com ciscador, nasce do chão como capim no agreste em tempo de chuva. Mas não leve mulher: leve quinino, que sezão por lá é duma que não tem por aqui, mata numa semana.

6 Deodato

1

Semana Santa pode ser coisa sagrada no mundo inteiro, em lugar nenhum é mais do que no meu sertão. Um rito que não se sabe quando começou dá forma de ajuda fraterna ao tempo de jejum: cada agregado leva ao senhor os frutos e raízes da terra, os que plantou e os que apenas levantou a mão para colher, baixou a mão para apanhar na chapada, e recebe em troca os mantimentos urbanos, grandes postas

de bacalhau, camarão do Maranhão, açúcar, sal, pimenta-do-reino. Cesta vai, cesta vem, meu Pai se admira ao ver aparecer Deodato. Está homem feito, um belo rapaz escuro que ri fácil com os dentes bem brancos.

Risca o cavalo árdego, salta sem embaraço, desamarra da garupa a mala de couro cru:

— Bênção, padrinho.

Meu pai dá a bênção, pede notícias, João ficou pegado na roça, Maria nas costuras, sexta-feira talvez apareçam para a procissão do Encontro...

— E menino, Deodato, quando vem?

O caboclo baixa os olhos, encabulado:

— Isso é com Pai, doutor...

Mas acrescenta:

— Desgosto dele...

2

Ora se dá que quando João vai selar o cavalo para a viagem, na



manhã de sexta-feira, vê Deodato entregando a Maria, na cozinha, um embrulho todo caprichado. Lá do capão enxerga os dois rindo muito, conversa fiada que não acaba nunca. Uma coisa sobe dentro dele, mas é Sexta-Feira Santa, se contém.

Mas não se contém depois, quando chama Deodato a um canto do alpendre e põe de lado fingimento:

— Deodato que foi que você entregou à Maria esta manhã?

Deodato baixa a cabeça, não responde.

— Diga, meu filho. Estou mandando.

O silêncio continua.

— Vamos ver, estou esperando.

E o rapaz:

— Só posso dizer que não era de mal.

E o velho:

— E como posso saber, se você não diz?

E o rapaz:

— Prometi não dizer, não digo nem ao senhor, que me criou.

E o velho:

— Pois como pai eu lhe desligo da promessa.

E o rapaz:

— De promessa só quem desliga é Deus que está no Céu.

E o velho:

— Desligo eu, que sou pai e tenho o mando que vem d'Ele.

Silêncio.

— Diga, senão se arrepende.

Silêncio.

— Não diz porque não sou pai de verdade, só de criação. Mas se arrepende.

E de novo o rapaz:

— Pra mim é Pai mesmo, mas não sou homem de quebrar promessa. Não digo.

O chicote desce, uma, duas, três, quatro vezes.

Nem um gemido, nem um sinal de defesa, nenhuma reação.

3

Maria vem correndo, não ouviu nada:

— Meu Deus, que é isso, numa Sexta-Feira Santa?! Meu Deus,

perdoai-me! Meu Deus, que desgraça! Seu João, que desgraça, seu filho!...

— Não é mais meu filho, tome conta dele, anda fazendo as coisas escondido...

Deodato não se mexe, não fala, os vergões na cara.

Calam os dois, imóveis, mas o instinto de Maria adivinha tudo. Entra em casa, traz o embrulho, as mãos tremem, desamarra o cordão, entre chorando e gritando:

— Seu João, o senhor está louco se desconfia de mim! O que Deodato trouxe foi este cachimbo novo para dar ao senhor no dia dos seus anos, comprado com o dinheiro das pimentas que mandei vender na feira...

E é só então que João, baixando a cabeça, sai para as profundas do mato. Para chorar. Para poder chorar à vontade.

4

Quando os dois voltam da cidade e da procissão do Encontro, não encontram Deodato, nem as coisas dele. E seu cavalo não está no pasto,

nem sua sela no gancho do alpendre, nem sua rede em lugar nenhum. Nem rasto ficou, que ele sabe apagar rasto de vez, apagar rasto até mesmo dos saberes de João.

Sete dias depois (e nesses sete dias muita noite chorou escondido), João se decide a viajar para o Amazonas.

7 Conversa de Caminho

1

Duas vezes pára na viagem.

Primeiro para falar com meu Pai.

Quer uma carta para os amigos de meu tio, que conheceu na tarde da vaquejada.

Não vem pedir conselho.

Mas meu Pai dá o conselho que João não pede.

Mostra-lhe os perigos, as distâncias, as ilusões. Vai ao mapa da parede, explica-lhe o segredo dos pontos que são cidades, conta em léguas e dias a viagem.

— João, na sua idade não se precisa mais ficar rico.

— Doutor, não quero dinheiro para mim, mas para dar vida de moça rica à Maria. O senhor vai pensar que a Maria precisa é de filho, não diz por delicadeza. Mas, doutor, que posso fazer? Ainda tenho o paladar da mocidade, mas com a Maria não sei o que há. Já fomos até juntos a São Raimundo dos Mulundus, não adiantou. E já que o filho não vem, ao menos uma compensação vou dar à Maria por ter casado com velho. Vai ter vida de moça rica.

— João, é justamente por isso que falo; já que foi franco, vou ser também. Gente velha não larga mulher moça e sem filho no meio dessa rapaziada toda que anda por aí, muito vaqueiro novo e bonitão.

— Doutor, mulher de caboclo de vergonha não engana marido.

— João, quem agora mata onça?

— Onça está acabando: cavalo já sobe sem susto o Alto do Vitoriano.

— E Deodato, deu notícia?

— Deodato afundou mesmo no mundo, não deixou sinal...

Vai-se despedir, meu Pai usa um último argumento:

— João, e se você não ficar rico?

E ele, acabando a conversa:

— Fico, doutor, fico. Nunca perdi nada em que me meti, nunca deixei de conseguir nada do que quis. Sou como anta, bicho teimoso que quando esbarra em pé de pau não muda carreira, até aroeira espera cair...

Pára um pouco:

— Mas se eu não enriquecer, não volto não. Aí o senhor me faz uma coisa: toma conta da Maria.

Outra pausa:

— Não deixa ela casar com homem novo demais, ela precisa de apoio.

2

Desce o rio de balsa: cinqüenta léguas. Toma o trem em São José das Cajazeiras, salta em Caxias: mais vinte léguas. Ali está de novo

morando a sogra, vai despedir-se dela.

— Que idéia foi essa, Seu João? Um homem velho como o senhor numa aventura dessas?

Quer ficar rico: dar para Maria vida de moça rica.

Mas Gertrudes:

— Ir para o Amazonas é pisar no fio da balança da morte.

3

Gertrudes pergunta:

— Por que não trouxe a Maria para ficar aqui com a gente?

— Não, isso não. Ela tem a casa dela, o sítio para cuidar. É mulhèr casada, tem a casa dela, não lhe falta nada.

— Vou mandar buscar minha filha pra casa da mãe dela. Não vou deixar a Maria sozinha naquele sertão de onça.

— Pense nisso não, dona. Ela agora não é mais sua filha, é minha mulher. Faça isso não, que vosmincê se arrepende. Ela não é asabranca da chapada, que não tem dono. Sacramento de Deus deixou ela mais marcada do que ferro quente em bezerro novo.

— Ela vai é passar fome.

— Deixei dinheiro com ela. Antes de um ano estou de volta — mais rico do que rei de história de Trancoso.

4

No dia seguinte, começa a descer o Itapecuru no rumo de São Luís.

8 São Luís

São Luís é a cidade das ladeiras povoadas de sobradões de azulejos com telhados velhos. Não há alma que se feche à serena alegria daquela paisagem de sol, azul, cal, madeira das janelas, paredes luminosas, a suavemente mergulhar nas águas.

João, porém, dá as costas à cidade. Sua mala fica no cais. Já sabe seu destino. Por economia, não viajará nem mesmo na terceira classe dos vapores do Lóide ou da Costeira. Prefere um dos barcos à vela que, grudados na costa, vão até o Gurupi, e do Gurupi a Belém do

Pará. Quanto menos gastar, melhor: não tem pressa.

Rumor e luz da rampa Campos Melo: gritos, conversas, velas, mastros. Este barco veio de São Bento, aquele de Alcântara, outro de Barreirinhas...

Não haverá quem precise a bordo de um homem disposto a trabalhar pelo preço da passagem?

À noite já está embarcado, e nem desce à terra para esperar a maré.

II No Vale do Rio Amazonas

1 O Barracão

1

Quando se juntam no barracão, não são muitos os que estão na condição dele: não quer ficar por ali, não veio tangido pela seca, não pensa em plantar:

— Vim só enriquecer.

Cada um tem seu lamento, sua esperança, sua saudade:

— Quando aqui começa a trovejar me dá vontade de voltar voando.

Este se queixa:

— Vim à procura de uma terra em que chova todo o ano.

Mas outro, não:

— Eu só quero é ter um pedaço de chão que seja meu.

Desabafa.

— Não agüento mais trabalhar para os outros. Quem se freta é vapor, quem se aluga é casa. Quero ter o meu...

Diz mais:

— Pouco. Não quero muita terra que peça braço de outro. Pouco mas meu...

Aquele outro já foi lavrador, já teve chão. Na seca perdeu a terra da Canabrava, vinda de avô a neto.

— Eu, se vim, é porque perdi tudo com a seca. Não quis pedir comida onde dei garrote para o leilão da igreja.

(João, não. João tem terra, tem gado, da seca só conhece retirante e avoante...)

O vaqueiro sente falta do leite de novilha com bezerro de um ano, no tim-das-águas. João, não

— Leite pra mim só de seringueira.

O outro nunca viu antes farinha-d'água, não se acostuma, e sonha de verdade, os olhos abertos, com um pouco de gordura do peito de vaca nova assada no espeto, em cima da brasa. Ele, não:

— Tendo farinha e rapadura pra fazer o chibé, água não falta, não passo fome.

Queixam-se de não poder plantar:

— Quem for tatu que cave, quem for macaco que se atrepe...

Mas ele desde menino foi criado na beira de outro rio grande, pescando e caçando. Sabe pegar piranha com a mão, coçando a barriga da malvada nas locas quando o sol está quente, mergulhando sem respirar, de olhos abertos, mexendo-se sem rumor... Sabe esperar a paca de madrugada. Não se cansa ao cavar o mundéu, não estranha subir no jirau. Desde menino viveu na intimidade de águas fortes, machas, feitas para arrastar homem na corrente.

Por isso, também não se queixa daquele mundão de água, de lama, de barro desfeito em água e lama.

— Só quem vive na água é peixe — se lamenta Zeferino.

Mas João ri. Nem de sezão tem medo: febre já chegou e já foi embora, quando era moço.

3

Só uma vez, nessas conversas do barracão, não tem o que dizer.

Os cearenses se queixam:

— Não sei como a gente pode viver numa terra encharcada dessas. Deus me livre de morrer afogado por aqui.

— Não sou homem de carinho, gosto do pesado. Sou da Serra Grande, gosto do mato grosso, do trancado. Só me ajeito com os bichos. Mas esta tristeza aqui é muita demais.

— Se me dessem passagem, voltava nem que fosse para morrer no mesmo dia em que chegasse.

— E a fome?

— Antes morrer de fome na minha terra do que farto nesta lama.

Gosto do pó seco.

— Sofri tanto que se eu morrer aqui minha alma não terá vergonha de voltar: está limpinha, limpinha.

— A ferida sara, mas a dor fica.

— Não agüento a imaginação, não agüento não. Não amanso nunca, não me acostumo. Aqui se mata gente como se mata veado.

E João:

— Quem vivê no Inferno se habitua com o Cão.

Mas o outro sertanejo:

— São duas coisas que não me deixam esquecer o sertão: meu cavalo e minha mãe...

João vai falar, se cala. Calam todos. Mas daí a pedaço, como a ponta de um bote que naufragou reponta na face das águas:

— Só volto com muito dinheiro.

Explica bem:

— Coberto de contos de réis.



2 Zeferino

1

As cartas sempre foram raras. Até que param de todo.

Conversa de João é agora muito seca. Cala e trabalha. Às vezes, fala em voltar:

— Quero ser enterrado em cemitério, no enxuto.

Mas nunca fala na mulher. Ou em mulher.

Zeferino, não. O dinheiro é para guardar, mas não todo: há muito em que gastar por ali mesmo.

Deixam o tapiri, aparecem na cidade com borracha muita. O dinheiro grande forma um rolo no bolso.

No outro dia, quando voltam, o rolo no bolso de Zeferino já não é tão grande; mas o de João está inteirinho. Nem ao menos fumo para mascar, para picar na mão com a faca amolada, fazer o cigarrinho de palha de milho.

(Cigarro aumenta a saudade.)

E não sente a solidão.

Gosta de Zeferino. Dois homens, velhos e sós, morando juntos, depressa se acostumam um com o outro.

Nem se zanga quando, na vila, Zeferino insiste:

— Rosa viu você no mercado, achou você um velho bonitão. E,

diante do silêncio do companheiro:

— Vamos lá, Seu João.

Ele, calado.

O outro, uma vez, foi mais longe:

— Vai ver que tua mulher a esta hora...

Há anos vivem juntos na mesma barraca, nunca brigam. Não se estimam só: se respeitam. São homens velhos, sabem disso. Nunca um disse para o outro: “Não seja bobo”, nem o outro respondeu: “Você está mentindo.” São homens velhos.

Zeferino era até quem escrevia suas cartas — quando ele ainda recebia e respondia cartas.

E agora Zeferino está um pouco na cachaça, bem se vê.

João não eleva a voz mansa; mas sua fala vem seca, com raiva, uma raiva de muitas noites em claro:

— Não repita isso outra vez não, compadre.

3 Couro de Boi

1

Zeferino vai sozinho à vila e traz nas costas um couro grande de boi pintado. Há muito que fazer com ele. Desde mala e baú até bainha para faca.

João toma a si a tarefa. Ainda menino se acostumou com o Tenente Zuza a trabalhar na macia sola, no couro ainda áspero. Sabe distinguir, pelo tato, de olhos fechadòs, se a pele que lhe é estendida reco-

briu, na vida longa ou curta, os marruás ariscos, os veados capoeiros, as lontras, as pacas, as onças, até os mambiras bestas que a gente mata de cacete na chapada. Ainda não tinha quinze anos, era só a ele que Tenente Zuza escolhia para ajudar na minuciosa arte das selas para os cavalos de Dona Mariana, dos gibões para os vaqueiros de Dona Mariana, dos chinelos para os pés de Dona Mariana. E quando, no fim da vida, o velho fazendeiro do Brejão se apaixonou por Aninha, a retirante, foi a ele que confiou o cuidado de preparar a bainha para o punhal de prata que deu à amante. Alforje que João faz, pode-se galopar nos escavados das Contendas com frito dentro que nem um caroço de farinha jamais caiu.

2

Zeferino se bota para as seringas.

João corta o couro, com decisão de quem reencontra seu ofício.

Que aboio é esse que Zeferino ouve de volta?
 Aboio mais triste nunca se ouviu nas várzeas do rio Parnaíba.
 — Ê cô mansão...
 Ôôô bôôôiii... ôôô...

É duro ver um homem feito chorar.
 Pior quando se vê chorar um velho.
 E muito pior quando é um velho que vê outro chorar.
 O aboio é de João. Mas João não abóia apenas.
 Nas mãos tem um chinelo de mulher. Nunca ninguém fez tão depressa chinelo de mulher. Com a ponta do punhal abriu os furos por onde passaram as tiras de couro. Nenhum prego, maciez de alma de menino novo.
 João abóia e chora, é o segundo pé que está acabando.

Mas quando Zeferino pergunta:

— Que é isso, compadre? Um homem chorando?

João começa a rir. Ri e chora, e só pára de rir e de chorar — sem uma palavra — para aboiar de novo, enquanto o facão corta um novo pedaço de couro — e as costas da mão limpam o choro que corre livre...

Noite alta. João, à luz da lamparina, puxa a gaveta da mesa, começa a contar o dinheiro. Está rico. Pega embira, vai arrumando metodicamente as cédulas grandes, amarrando os montes, de 20 em 20 — um, dois, três, quatro... (Está rico. Pode voltar. Não agüenta mais. Vai voltar.) Conta as peles de borracha. (Está rico: vai voltar.) Olha a folhinha: cinco anos ficou naquele degredo. (Vai voltar.)

4 A Briga

1

João na cidade grande de Santa Maria de Belém, João no mercado entre velas, frutas, peixes, cestos. João escolhendo presentes de rendas. João de anel no dedo, corrente de ouro. Outro João, diferente do João de há cinco anos, outro João, que entra na agência de vapores, toma um camarote na primeira classe só para ele.

Naquela noite, Zeferino consegue levá-lo ao cabaré.

Mulher-da-vida sente cheiro de dinheiro longe, longe: a mesa delas fica cheia de mulher.

João, porém, não bebe. Dengo de francesa lhe repugna, repele. Mas se interessa por uma cabocla de dente branco e cabelo liso, começa a conversar. Ela é também da beira do Parnaíba, que acaso! Vem cerveja, conhaque, champanha. Zeferino começa a ficar alegre de bêbedo. João também está alegre, ri com os dentes todos, mas não bebe. Nem se decide a ir com Perpetinha. Zeferino não se contém:

— Puxa o velho, mulher! O velho não está velho no corpo todo não. Você só está vendo uma cara dele...

Mas João resiste, Zeferino teima:

— Deixa de tolice, velho! Cinco anos, pensa que você não volta mais, já se arranjou...

João derruba a mesa, puxa a faca, avança. As mulheres gritam. A voz de João vem seca, de novo aquela voz com raiva de muitas noites, centenas de noites acordado no meio da mata:

— Te disse que não repetisse. Te sangro, velho sem-vergonha, te sangro que nem capado velho.

Zeferino se defende com a cadeira, hesita em reagir, ainda não acordado na sua surpresa enorme de bêbedo, cai no chão, procura se levantar. João mergulha a faca uma vez.

Das mesas vizinhas gritam:

— Segura o homem!

Uma portuguesinha sobe na mesa da esquerda, fora de si, num grito finíssimo:

— Não há homens nesta terra? Não vê que ele mata o outro, o outro está bêbedo!

Um rapaz que bebe sozinho nos fundos pula para perto de João, tenta segurá-lo, a faca corta fundo a mão, há sangue, vêm outros, breve João luta com o cabaré todo, seguram-no, tomam-lhe a faca, consegue soltar-se e recomeça a lutar, desarmado. Perto do balcão, uma mão apanha uma garrafa para jogar, o parceiro segura, diz:

— Isso não.

Alvorço de briga cada vez mais violenta.

Alguém sai gritando:

— Mataram um homem.

Soldados chegam correndo.

Zeferino não está morto, apenas ferido. Ferido também, já com a mão amarrada, o moço que primeiro tentou segurar João. Perto dele, abraçada nele, a portuguesinha. João está caído no chão, sem sentidos. A cabocla Perpetinha segura sua cabeça no colo e chora baixinho.

3

Na delegacia, um mês depois, o chefe de polícia:

— Dê-se por muito feliz em ter pegado só esses dias de hospital e de cadeia. Sua sorte foi que seu parceiro Zeferino é também de ferro e já arribou. Homem de bom coração: ainda pediu pelo senhor. O outro ferido nem quis ir a exame. Mas o senhor fica devendo sua liberdade é ao Secretário do Governo, o Doutor Antônio Monteiro, que é seu amigo de verdade, e ao próprio Governador, que é lá de sua terra. O senhor pode ser muito valente, brigou com um cabaré inteiro, mas lhe dou um conselho de amigo: nunca mais ponha o pé em água

do rio Amazonas.

João ouve, de cabeça baixa.

III No Vale do Rio Parnaíba

1 O Encontro

1

Não andou muito, vê Maria. Está mais bonita: está mulher. Traz uma menina pela mão.

— Seu João, você aqui em Caxias?

João dá-lhe a mão, toca no ombro, torna a estender a mão. Os olhos endurecem quando vêem a criança. Nada pergunta. Nem diz nada.

É Maria quem fala:

— Cinco anos! Pensei que você não voltasse mais. Tive de deixar tudo, vim morar com Mãe.

(Os seringueiros diziam, escondido: “Cinco anos! Pensa que o velho não volta mais.” E Zeferino: “Tua mulher a esta hora...” Por isso, esfaqueara Zeferino. Cinco anos!)

— Tia Gertrudes como está?

Vão andando para casa.

2

No caminho, Maria arrisca:

— Você se lembrava de mim, Seu João? Voltou por minha causa?

E ele, no desajeito de confessar:

— Vivi cativo de um só pensamento. Com um corpo de mulher no pensamento. Pior do que preso. Pior do que no tempo de cativo.
(Não gostava de dizer que fora escravo.)

A menina choraminga, quer colo. João pega a menina, põe no braço, não diz nada. Nem uma só palavra.

Quando chegam em casa, conversa com Dona Gertrudes devagar, afetuoso. Está rico.

— Estou desapertado.

Quer levar a mulher de volta, lá para São Francisco.

Desculpa:

— Pobre, que não sabe ler, não escreve carta. Depende da mão dos outros...

Explica:

— Vida de seringueiro é vida de Inferno.

E com um riso:

— Quem pensa em correio pro Inferno?

O cabelo está mais branco, não usa mais bigode. É só.

Usa colete, corrente de ouro no colete.

O cornimboque de rapé é de ouro, de ouro o relógio e a corrente, de ouro o anelão do dedo com um brilhante grande. Um só mas que faísca.

E quando vem do vapor com o baú grande de couro pregueado, para cada pessoa de casa tem um presente.

Maria pesa na mão o cordão de ouro velho. Não bota no pescoço. Volta-o às mãos dele:

— Seu João guarda pra mim.

É o que faz com os brincos, que ensaia no espelho, com o anel de platina com brilhantes, que põe no dedo e tira:

— Seu João guarda pra mim.

5

É a mãe quem explica:

— Essa menina tem sido o consolo dela. Você se lembra da Luísa? Fugiu de casa, deixou essa menina. Maria está criando: se pegou com ela.

A menina até parece com Maria. Tem o nome dela.

2 A Faca

1

Acha Maria muito sem roupa,vão comprar.Cortes de seda que trouxe só abrirá em São Francisco.

É minucioso e sutil na escolha. Não faz questão de preço, quer qualidade. Prefere uns estampados alegres, coisa de festa.

Na volta é que compra a faca.

Param numa barraca, não acha. Entram na loja da esquina. Seu Salomão vem atender, já sabe da volta dele. João é lento, exigente, preciso. Aço que não enferruje, aço fino, da Suécia. Mais para punhal: cabo de prata ou de ouro. E para Maria:

— Esta faca é para te matar.

Maria se assusta, os grandes olhos espantados.

E o Salomão:

— Não diga isso nem de brincadeira, compadre.

O cabo é de prata, 200 mil-réis, o preço de três bois, mas é coisa que agora não se fabrica mais, ainda veio do Reino trazida pelo Zé Portelada, Salomão só oferece porque o compadre João pediu o melhor que houvesse.

E ele:

— Perguntei preço, parente? Para o que vai ser, não tem preço.



3 A Despedida

1

Maria já é outra, quando se despede. João está com pressa de partir.

A irmã fala:

— Nunca vi Maria tão alegre como ontem.

Depois diz:

— Nunca vi Maria tão triste como hoje.

Oh o belo jeito antigo da despedida: Maria se ajoelha, toma a bênção de joelhos:

— Benção, minha Mãe.

— Deus te abençoe, minha filha. Deus te faça feliz.

Maria olha devagar para a menina. Não diz nada. Abraça. Beija.

A irmã ri:

— Parece até que vocês não vão mais se ver.

E a mãe, para disfarçar:

— Se alegre, moça! Vocês não vão pra tão longe assim. E Seu João não há de querer que a gente passe sem ver você os mesmos cinco anos que ele ficou no Amazonas.

(Cinco anos: Zeferino no chão, sangrando.)

Diz:

— Vamos, Maria. Vamos para sua casa, dona. Você não vai mais viver em casa alheia, nem que seja de sua Mãe. Nem vai mais dar seu nome a filho dos outros.

Não é uma censura: pois se até ri!

Pode ser uma esperança, pode ser uma ameaça...

4 O Trem

1

O trem custa a sair.

Os carros da primeira classe são forrados de palhinha; mas·cai faísca neles como nos outros.

Estudantes de volta das férias quebram bacuris nos caixilhos das janelas.

Na primeira estação, João desce, traz grandes laranjas maduras: 99

— Você quer, Maria?
Maria quer.

2

João pede emprestada a faca do vizinho do outro banco. Divide as cascas em cruz, devolve a faca, descasca com os dedos ágeis como se despetalasse uma flor.

Maria se lembra da faca nova. Hesita. Mas se decide:

— E a faca nova, Seu João, você esqueceu?

Responde devagar:

— Aquela eu já disse que é para te matar...

Pára um pouco, sorri, passa a mão de velho (sempre forte), a mão de anel de ouro e solitário, no cabelo dela:

— Mas só quando chegar lá em casa.

(Não a beija na boca, com a boca: tem muita gente, estudantes em alvoroço a quebrar bacuri nas portas, podem mangan dele. Mas seus olhos contemplam a moça com desvairado amor.)

5 A Passagem

1

O rio, de novo, depois de tantos anos.

Na noite, andam luzes: canoas de fundo chato, com os lampiões escondidos debaixo do banco da popa.

2

Os passadores o conhecem, se lembram dele para festejá-lo:

— Seu João da Grécia de volta!

Fala a cada um:

— Como vai, Camilo! Como vai, Damásio! Como vai, Manuel! Carioca, você de lancha?!

Dia de chegada de trem, gente muita: é ir enchendo a canoa e largando. Os mais ricos se ajeitam na lancha.

3

A moça vinda do Rio, recém-casada com o filho do Coronel Jeremias, tem medo. Seu marido, que volta à terra pela primeira vez depois de formado, insiste:

— Pode pisar. Balança mas não afunda. Segura em mim.

Damásio, da popa da canoa ao lado, explica:

— Tenha medo não, dona. Canoa de fundo chato não vira.

E. feliz:

— Sou passador há cinqüenta anos, nunca ninguém caiu da canoa pra morrer afogado.

barba rala se pinta de branco:

— Afogado no rio tem tido, se bem que pouco; mas de canoa, nunca ouvi falar.

Os passageiros interrompem:

— Olha essa conversa mais desinfeliz!

— Chega de gente!

— Não pode entrar mais ninguém. A canoa termina fazendo água pelas bordas.

— Mas onde é que a senhora vai sentar, dona?

— Senta aqui no meu colo, meu bem.

4

João da Grécia faz um gesto a Damásio, toma sozinho a canoa do preto velho.

Há protestos e risos:

— Não pode! Não pode!

— É um absurdo deixar tanta gente sem passador!

— Caboclo que vem do Amazonas quer virar branco!

— Vaqueiro virou coronel!

— Coronel, nada: doutor...

Mas logo a embarcação se afasta para o meio das águas.

5

Talvez somente Damásio perceba que é por vontade, não por acaso. Talvez nem ele.

No meio do rio, onde a corrente mais rápida marca o fundo canal e a proximidade dos grandes redemoinhos, Maria se inclina para as águas barrentas. Não tinha querido sentar-se, o corpo se desequilibra. Mas um braço forte a segura.

6

. Damásio diz:

— Facilite não, moça.

Ri para o marido dela, um riso de dentes alvos na boca que masca

— Depois seu dono bota a culpa em mim.

Ajunta:

— E o pior é que não sei nadar. Cinquenta anos em cima do rio, não aprendi a nadar. Não podia pular para acudir a dona.

João da Grécia, severo, continua com a mão no braço de Maria:

— Cuidado, você ia caindo na água.

Para Damásio:

— Fez isso só para mangar com você, compadre Damásio. Queria ser a primeira afogada na sua vida de passador.

E Maria:

— Tenha medo não, Seu Damásio, Seu João bem sabe que eu sei nadar, corto correnteza...

Mas Damásio:

— E há quem saiba nadar com o rio assim de barriga cheia, roncando grosso desse jeito, dona? Nem Seu Doutor Tavinho, que noutros tempos atravessa com a roupa enxuta na mão, é capaz de enfrentar o rojão do Parnaíba velho, meter o braço no peito do rio numa enchente dessas...

E depois, dando um impulso novo na vara que empurra a canoa,

mergulha até o fim buscando a areia:

— Siá Maria fica devendo a vida a Seu João.

Estão aportando, João da Grécia tira uma nota grande de quinhentos mil-réis, estende a Damásio:

— É para você não esquecer desta noite, Damásio velho passador.

6 O Mercado

1

Manhã de sol em Teresina.

Há vendedores de peixe com grandes fidalgos e mandubés carregados no ombro na esquina do mercado.

Maria vai andando distraída.

É quando ouve aquele vozeirão alegre:

— Que moça mais triste, benza-a Deus!

Há muitos anos não via Ana, mas estava a mesma: gorda como sempre, uma fala, uma animação, uma alegria. Os cabelos só um ou outro prateava. Mas ela mesma dizia:

— Negro quando pinta, três vezes trinta.

Não seria tão velha assim. Da idade de João, um pouco mais talvez. Tinham sido cativos juntos.

2

Ana não se conforma com o silêncio de Maria.

— Que é isso, Nossa Mãe de Deus?

E bota as mãos nas cadeiras, indagando.

(Em redor, o barulho do mercado.)

Maria, teimosamente, cala.

— E a menina, onde ficou? Está boa e bonita?

Maria mal responde:

— Está doente não. Está bem. Ficou com Mãe, em Caxias.

É Ana quem adivinha:

— Me disseram que Seu João ia voltar, está muito rico.

Os olhos de Maria sempre no chão.

— Vai ver que aquele miserável já voltou.

Maria apenas murmura:

— Ele tem um punhal. Ele vai me matar de faca...

Ana se espanta, a voz ainda mais alta, numa risada:

— Que conversa é essa, menina? Isso é conversa de gente? Matar ele mata é a mãe dele, aquele velho idiota!

É quando João aparece. Cumprimenta:

— Como está, comadre?

Ana cascadeia:

— Seu João da Grécia voltou, gente. E está rico. É só no que se fala por estas beiras do rio. Parece até doutor formado: de corrente

de ouro. Anel de brilhante no dedo.

Há um instante de constrangimento, mas Ana vai logo direta ao assunto:

— Que história é essa de faca? Eu sempre disse a Maria que não casasse com você. Você não merecia ela. Mas agora parece que teu ciume te endoidou.

— Conversa da moça, Dona Ana. Brincadeira de velho.

— Brincadeira? Eu bem que te conheço como a palma das minhas mãos. Mas isso não fica assim não. Eu te dou um ensino que te curo!

— Velha do diabo, pára de te meter na vida dos outros! Eu te aviso: deixa minha vida de lado. Meu nome não é osso.

— Você está é com o Cão no corpo. Olha aí o Padre Lopes. Aproveita, vai falar com ele pra te benzer.

5

Passa a cavalo o padre, estribos de prata, cara vermelha ao sol da manhã, um lenço protegendo a testa.

— Então está de volta? Está rico?

— Rico não digo, padre. Mas desapertado.

— E a mulher, como achou?

— Vou levar para um lugar onde a gente não se separa mais um do outro.

Diz, e segura o cavalo para o padre saltar; mas quando se volta para mandar a mulher falar com o padre, vê com surpresa que Maria e Ana desapareceram:

— Ué, gente, onde se meteram essas donas?

Riso do padre:

— Vê se você acha. Bem diz o povo que em bicho de saia não se pode confiar.

Acrescenta, rindo ainda:

— Eu sei que o ditado vai mais longe. Diz que nem em mulher nem em padre. .

Mas fica sério:

— Não se pode confiar é no bicho homem. Confiar desconfiando, lá dizia o outro. Confiar por inteiro só em Deus.

7 A Polícia

1

O Delegado ouve calado, calado como Maria, Maria calada e de olhos no chão.

Ana conta a história desde o princípio. Sempre foi contra o casamento, não cansou de avisar. Moça nova demais não casa com homem velho apaixonado.

112 O capitão ouve com enfado, tem gente importante esperando por

ele. Mas sabe de que barulho Ana é capaz, ouve.

2

Vira-se para a moça.

— Deixa a moça falar, Dona Ana. Ele disse que vai matar você? Maria não chega a levantar os olhos, repete:

— Ele tem um punhal, ele vai me matar.

O capitão considera um minuto, bate com os dedos na mesa, tira o chicote do relho do braço, diz para Ana:

— A moça está apavorada.

Faz uma pausa:

— Vou mandar buscar o homem. Vocês esperem aí.

3

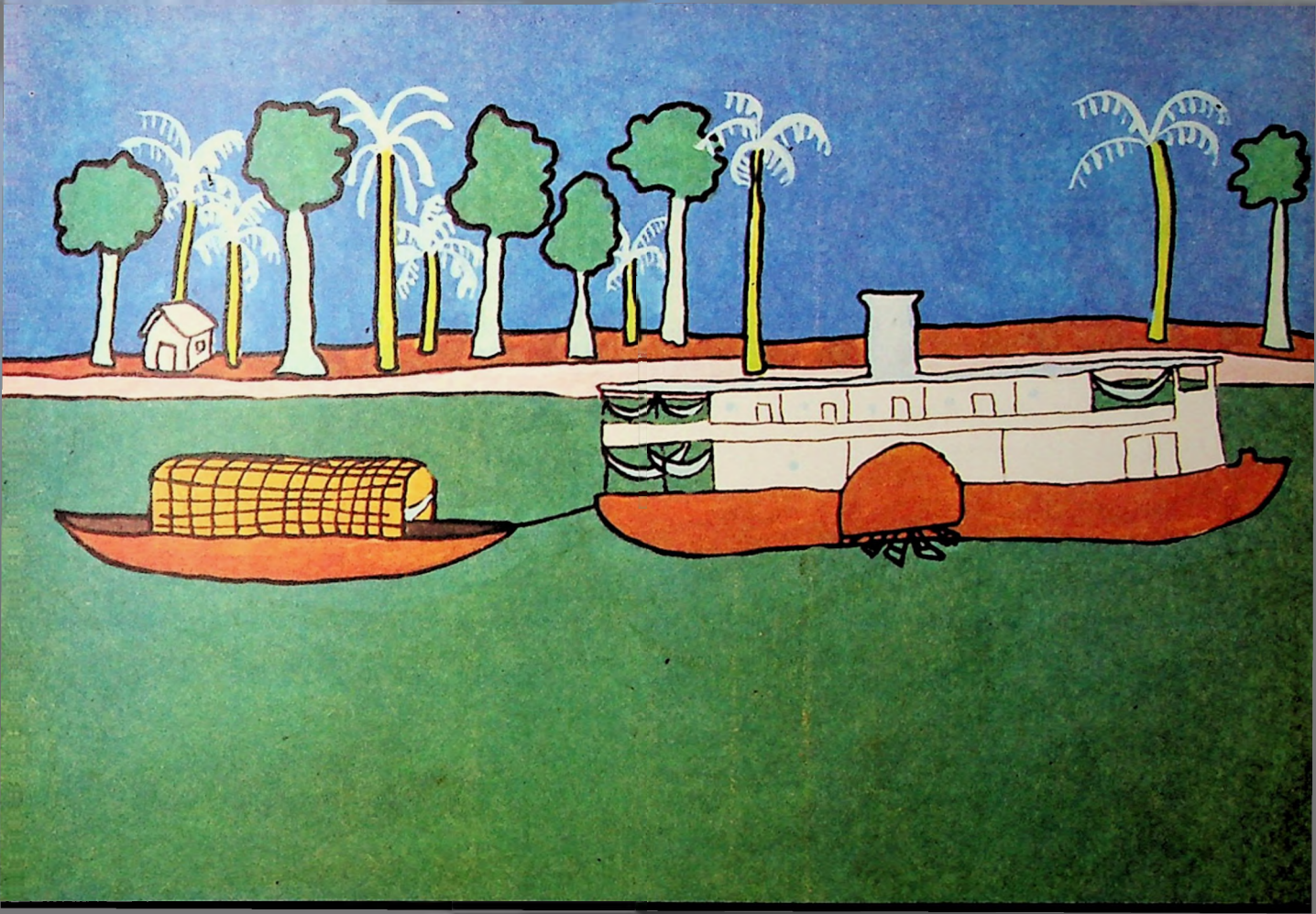
Não querem esperar. Maria tem medo de João. Dona Ana tem medo é de não se conter na presença da autoridade.

Mas é tudo rápido. João aparece tranqüilo, nem reclama do apara- 113

to da prisão, não está portando arma proibida, a faca que tem é um presente para um compadre, tudo o mais é romance de feira, desde quando um homem não pode possuir um punhal? Está rico, podia ter ficado no Amazonas no bem-bom, só voltou porque gosta da mulher, já comprou passagem no *Barão de Grajaú*, passagem de camarote, só tinha um que prestasse mesmo, o da popa, e era quinhentos e tantos mil-réis, dez bois quase, mas não está olhando a despesa para o conforto de Maria, que merece: é moça e bonita.

Fala tão claro, tão limpo, tão convincente, que o Delegado os manda embora:

— Dona Ana, a senhora não me traga mais fuxico de mercado para me fazer perder meu tempo.



8 Ana

1

Saem da delegacia separados: João de um lado, Maria e a velha do outro. Na esquina, João pára, Maria vem, calada, juntar-se a ele.

2

Ana reclama de Maria:

— Volta para junto dele, volta e não te arrepende, sua idiota! Ele termina mesmo te matando. Você lá sabe o que é ciúme de velho?

Ele cresce para Ana, num ódio solto:

— Mato ela, mato você também, sua cachorra sem-vergonha! Bicho é que não espera pelo dono dentro de casa.

A velha não tem peia na língua:

— Tu pensa que enricou, pode fazer o que quer? Tu, João, que ainda foi cativo, tu quer mandar em tudo? Tu quer tirar a vida da mulher como as onças que tu matava? Pra que foi casar com mulher nova?

— Mulher amansa na mão de quem sabe lidar como piranha na loca. Mas, se não presta, continua a morder, e o jeito é partir a cabeça. Olha, vou te dizer, não adianta querer impedir, você não vê que não adianta? Nunca tu tinha me visto mentir, viu hoje... Homem velho é como o rio, sabe aonde vai.

E digo mais, não mato de tiro, não. Não sou de atirar em ninguém Deus me livre, Deus me perdoe, graças a Deus. Mas ela não é uma qualquer. Ela é minha mulher, que se juntou comigo no altar de Nossa 117

Senhora, na Igreja de São José, foi comigo pagar promessa em São Raimundo dos Mulundus. Mato de faca! Mato de faca! Já comprei a faca, é verdade. Mas não mato ela aqui não. Você fique descansada, que ela só morre quando chegar na minha casa. Na nossa casa. Na casa que ela não quis.

— Mata não. Mata nada. Vou falar com o Governo, com Dona Das Dores, com quem for preciso. Isso não fica assim não. Tu o que precisa é de uma bota pisa de umbigo-de-boi ou de cipó de tamarindo. E uns dias de cadeia. Se o Doutor, em vez de te alisar a cabeça, tivesse te dado um chá de xadrez quando houve aquilo, Deodato não tinha sumido no mundo de Deus para nunca mais se ter notícia daquele inocente...

João se enrijece de dor. Mas não responde. Olha. Calado. É raiva só. Não consegue falar.

Dá as costas, segue na frente. De olhos baixos, Maria vai atrás.

3

9 Dona das Dores

1

Ana não se dá por vencida: veste-se com o melhor vestido, bota-se para a casa de Dona Maria Das Dores.

Para os outros, era a casa do Governador. Para ela, era apenas a casa de Dona Maria Das Dores, que conhecia de outros tempos, menos felizes.

2

Antes de ser mulher do Governador, Dona Maria Das Dores fora mulher do sapateiro Benedito, na terra natal de ambas. E Ana fora testemunha das suas brigas com o primeiro marido, e sabia mesmo de quando ele a quisera matar. Aí é que Dona Das Dores fugira de casa.

3

Era uma pequena mulher, conversadeira mas enérgica, de uma beleza magra e limpa:

— Ana, você por aqui! Coisa rara!

Repara melhor:

— Criatura, que é que você tem!

4

tão estranha é aquela história: a mulher moça acompanhando o marido velho cem léguas para ser assassinada em casa. Se ela receia realmente alguma coisa, por que não foge?

Mas, dado que esteja realmente em perigo, pode a Polícia oferecer garantias de vida ao primeiro que se diz ameaçado?

A lei não prevê. Não há o que fazer. A Polícia mal chega para brigar com cangaceiro, no Sul. Abílio Wolney anda solto. Ainda naquele dia, a força de Horácio de Matos passou para o lado de cá da fronteira, é o que avisa o Dr. Júlio Lustosa, de Corrente. E ele nada pode fazer. Depois é gente do Maranhão doutro Estado. Se crime há por ora é só em pensamento; e no pensamento está planejado para outro lado do rio, fora da sua alçada...

5

Dona Das Dores insiste, teima, quase grita, quase chora:

— Há uma vida humana em jogo, com vida de gente não se brinca.

O marido endurece:

— Não tenho meios. Não posso garantir vida de ninguém.

Pára, pensa, fala:

— Nem a minha mesmo...

E acha graça nesse pensamento desenganado.

10 A Viagem

1

João hesita um pouco, mas termina por tomar o camarote da popa, o melhor.

O mais dos passageiros dorme nas redes, trançadas na coberta. Mas entre todos a convivência diária apaga as diferenças da sorte.

Cedo, João se faz popular. Maria é uma calada sombra submissa, mas ele, sempre de colete novo, boné de seda preto, relógio trançado no colete, paletós de linho muito limpos, muito leves, anel de ouro com brilhante graúdo, fica depressa muito conhecido.

Riem-se dele, mas estimam-no. Mais do que o aceitam, procuram-no pelo pitoresco da conversa, cheia de reminiscências. O outro rio, o rio maior, maiorão, o grande rio misterioso está sempre presente a servir de termo de comparação.

E não nega a pobreza de outrora, a ignorância, os tempos em que foi passador, marchante, matador de onça, garapeiro, comprador de boi, plantador de roça.

Às vezes, fala do sítio com o mesmo desembaraço com que fala do segundo casamento:

— Tirei uma ferpa velha do pé, ia botar outra? Queria era menina nova.

No jogo é um parceiro de quem nem o escrivão e poeta Juca da Silva tem razão de queixa.

Paga sempre sem discutir. Aceita sempre o convite. Faz boa cara à má fortuna. E quando a sorte está do seu lado, não se afoba, não se apressa, não dá riso de mangação nem finge tristeza que irrite os outros.

Só quando Maria, silenciosa, se aproxima, ele se desculpa, segue com ela.

Uma vez, quis ficar para ver o jogo.

João está satisfeito, comenta o acabrunhamento do parceiro que perdera na véspera, ganhava agora escandaloso:

— Ele ontem parecia até um peixe-boi que eu matei lá no Amazonas. O bicho parecia que tinha olho de mulher olhando pra mim quando eu sangrava.

(Os olhos de Maria estão espantados, enormes, como se o rio fosse entrar por dentro deles. Mas não há lugar neles: o medo enche tudo. Todos, porém, estão muito ocupados com a história do marido: ela não precisa baixá-los tão depressa.)

11 Letra

Quando passam o morro da Arara, o Comandante faz festa, mata peru, distribui diplomas na primeira classe. Eles agora são da primeira classe e têm de assinar o nome no Livro de Ouro.

A letra de Maria é fina e lisa, letra que Madrinha Dezinha lhe ensinou em menina, quando lhe pôs (Seu João nunca soube) o apelido afetuoso de Pretinha (há tanto tempo!). Treme um pouco ao pegar na caneta, mas a pena corre sem tropeço.

João da Grécia se orgulha para o Comandante .

— Bem que a mulher podia firmar sozinha. Eu mal sei fêrrar o nome.

Mas não reluta. Devagar, devagar, ensaiando antes com lentidão e minúcia a pena noutro papel, desenha firme a assinatura desajeitada, uma mão ajudando a outra: foi logo depois de acabar o cativeiro que lhe ensinaram a assinar, só assinar... Seu Flor, o fazendeiro da Água Limpa, só queria que soubesse ao menos riscar o nome, mas assinar sabe:

— É letra de quem vai mas não volta, sim senhor, Seu Comandante.

12 As Noites

1

O pior para Maria são as noites.

O gaiola sobe o rio devagar. As águas da cheia jogam o canal de um lado para outro. E o que dão com uma mão, com outra tiram: o rio é fundo, mas várias.

2

Maria raramente conversa. Às vezes reza o terço. João joga, conta 129

histórias, ri alto. É, agora, um rico entre os ricos; mas não percebe (ou finge não perceber) que os outros riem dele.

3

Os dias, para ela, custam menos a passar, sempre passam. Nas beiras do rio tem sempre o que ver: gente pescando, gente na enxada, gente tomando banho, gente em redes de tucum nas mangueiras ou cajueiros. Jacarés dormindo ao sol, ninhos de xexéu nos buritizeiros, vôos de araras, tucanos, ciganas, anhumas, garças. Quando o canal se achega à beira, gritos de araponga ou bem-te-vi e mesmo cantos de sabiá, cabeça-vermelha, corrupção, chico-preto passam no ar, frequentemente lavado pelas grandes chuvas.

E nas chuvas não é mulher de rezar a Santa Bárbara, São Jerônimo: diverte-se vendo a correria e o susto dos outros.

Às noites, porém, a tristeza daquelas paragens! A treva vem descendo de mãos leves, ainda nos remansos das margens há vôos de andorinha cortando o céu, vôos de martim-pescador mergulhando na água. Depois, apenas, de longe em longe, muito de longe em longe,

uma luz, alguma casa perdida ou alguma canoa que passa. Ainda mais raro, alguma fogueira acesa num ponto para o vapor encostar, e a confusão do embarque dos passageiros inesperados.

Uma vez somente, com festivos apitos, cruzam o *Manuel Tomás*, que desce.

Quase sempre, porém, fora do mistério da mata, só ouvem de humano gritos na noite.

Gritos de apelo, demorados, insistentes:

— Passadôôô! Passadôôôr!

Ou gritos de desafio regional, trocados de uma margem a outra:

— Barriga-de-branquinha!

— Papa-arroz!

— Papa-bode!

— Comedor-de-caranguejo!

4

Como que apostam ver qual vai se deitar mais tarde. E todas as noites Maria vê (ou finge ver) a meticulosa arrumação da mala de cou- 131

ro cru em que João traz os trens de uso diário.

Por cima de tudo, a faca de cabo de prata.

5

Uma noite João pára diante dela, um sorriso cruel no canto da boca. Trata-a por *tu*, o que não fez nunca. E diz:

— Tu podes dormir sossegada, mulher. Só te mato quando chegar lá em casa.

13 A Caçada

1

No quinto dia, o *Barão* encalha numa coroa de areia.
É então que, no vapor, inventam uma caçada.
E alguém se lembra de chamar João da Grécia:
— Pode ser que apareça alguma onça!

Onça não aparece.

Mas ele é o primeiro a regressar da caçada. Os outros, não sabe deles. Vem só e ofegante: traz nos ombros um veado, uma beleza de veado capoeiro, malferido.

Pendura-o numa ingazeira e mete a faca no coração.

Alguém comenta, nas grades do gaiola:

— Caboclo malvado, sangrou o bicho sem necessidade!

João ouve, diz alto:

— Sangrei foi de pena.

Diz mais:

— Nunca matei boi tonteando antes com machado. Bastava sangrar com uma facada no coração: quando a faca acabava de sair, podia começar a tirar o couro. Estava morto.

Os olhos do veado, abertos, refletem a luz. Parecem de gente. Parece que olham para Maria, quando ela põe neles os seus.

João enxuga a faca na mão, limpa a mão nas folhas da ingazeira.

Entrega o veado inteiro ao cozinheiro do *Barão*. Tem mais de cinco arrobas. Só quer um pedaço:

— Me asse o fígado na brasa para minha mulher comer.



14 A Carta

1

Meu Tio recebeu a carta, procurou o Governador.

A carta dizia:

Compadre:

Há muito tempo não lhe escrevo, mas surgiu agora um motivo especial.

Esteve por aqui aquele caboclo de Balsas, o João da Grécia, gente da amizade de seu irmão. Chegou, como v. sabe, remediado. Ficou rico, não creio

que tanto quanto dizem, mas rico: de colete e anel de ouro. O Antônio Monteiro, a quem ele se ligou por aqui, viu-o uma vez contar, em notas de quinhentos, cinqüenta contos. Já deve estar de volta por aí.

Volto porque se envolveu aqui num grave conflito: fechou um cabaré a faca e quase mata um parceiro, homem de sua idade. Ao que me dizem, briga por causa de mulher. Ou, mais exatamente, da mulher. Parece que o esfaqueado insinuou que nesses cinco anos a mulher não se conservara fiel a ele. Ficou fora de si. Brigou com o cabaré em peso, e ainda brigava quando a polícia chegou. Só parou quando perdeu os sentidos.

Como foi exatamente que aconteceu, não se sabe. Não estava bebido, dizem as testemunhas. De qualquer forma, logo que o ferido arribou, mandei que facilitassem sua volta. Não o fiz, como pensa o Antônio Monteiro, para atender a ele. Mas por se tratar de um filho da mesma região e porque me lembrei de que seu irmão é afeiçoado a ele e à mulher. Agora, porém, tenho um pressentimento de que os ciúmes do velho podem levá-lo a alguma loucura. Talvez fosse bom avisar seu irmão e mais autoridades do Piauí e Maranhão, para as precauções que a prudência impõe.

Iaiá lhe manda lembranças.

Como vai minha comadre Vitorinha? Continua a ser a moça mais bonita

e alegre dessas bandas aí?

Abraços do amigo e compadre

Fileto.

2

O Governador chama a mulher:

— Das Dores, veja esta carta. Você tinha razão!

3

É de noite. O ajudante-de-ordens corre ao telégrafo. Bem sabe que é inútil. Naquele tempo, os aparelhos, nas estações do interior, não respondiam depois das seis horas da tarde...

4

Na manhã seguinte, quando a primeira vila responde, o *Barão* já passara, desde a véspera. As águas da enchente ajudam. Mas ainda 139

não chegaram a São Gonçalo do Amarante. Estarão encalhados por aí.

5

No primeiro vapor, seguem soldados.

15 A Criança

1

Noite.

Há um luar semi-encoberto.

Uma canoa se move lenta, os remos quase sem barulho. Encosta.
E dela alguém vem vindo. Anda na ponta dos pés pela areia. Quando
o vigia da barca dá fé:

— Que é isso? — indaga.

E levanta o lampião.

Mas quem seja, correu, entrou na canoa, meteu o remo na água com força.

2

Só depois é que vêem que não levou nada. Deixou: uma criança enrolada nuns trapos.

Vem da mata um choro de mãe-da-lua.

3

A notícia corre mundo, em versões desencontradas.

João olha Maria nos olhos, com seu olho de doido manso:

— Dizer que teve uma criatura de Deus capaz de uma maldade dessas! Capaz de jogar o filho na mão dos outros!

Só se foi mulher que enganou o marido.

16 A Doença

1

No terceiro dia depois de encalhados, ali pela tardinha, Maria sente os primeiros frios. Junto com eles uma dor de cabeça de estalar.

João traz quinino em pó.

É quando ressurgue nela tudo que resta da bela moça cheia de vontades.

E o velho, com infinita paciência, como quem lida com menino 143

mimado, insiste, recua, desiste, volta a insistir: dá-lhe quinino desmanchado com limão e açúcar.

Os passageiros estão edificadas por tanta delicadeza num homem tão bronco.

2

Na quinta-feira, a febre piora, os calafrios são cruéis.

Maria pede a João que lhe segure os braços, as pernas, amarre bem forte.

A febre sobe ainda mais, Maria, quase desacordada, quase não fala.

João redobra de cuidado. Nem cansa. A todo momento um pirâmido, um chá de laranja, uma aspirina. E o febrão queimando.

3

144 As velas de carnaúba queimam a noite inteira, no camarote: o sono (seria sono?) agitado de Maria, a vigília (velho de ferro!) de João.

O médico de bordo receita umas injeções de azul de metileno.

Acontece, então, que, quando vai meter a agulha, a vela vacila na mão direita de João, mas antes dos pingos caírem no corpo de Maria a outra mão do velho avança rápida, a cera borbulha na pele cheia de veias.

João não tem uma palavra, um gesto de aborrecido.

4

Na mesma noite, o doutor comenta na roda do jogo:

— Esse homem é de ferro. Cera quente tem quase cem graus. Foi a primeira vez que vi queimar gente sem a pessoa gritar.

5

Quando Maria acorda no meio da noite — pela primeira vez sem febre — João está perto. Ela se mexe, ele se levanta. Pega no pulso, não tem febre.

O sorriso dela não é de moça: é de menina desamparada. Quantas

camisas de dormir suou, quantas ele mudou! Diante daquele jeito infantil de agradecida entrega, João bota a mão na dela, fala:

— Você foi mais forte que a sezão.

17 A Barca

1

Naquela noite, um violão toca alto, uma serenata estala no convés.

João procura o violeiro:

— O senhor compreende, minha mulher ainda está doente, com muita dor de cabeça.

Mas, forte na sua insolência de fiscal da Fazenda, o outro responde:

— Os incomodados é que se mudam...

João hesita, vai responder, cala.

É a primeira vez na vida que deixa provocação sem resposta. Volta ao camarote.

2

Passam, então, para a barca.

É idéia dele, que Maria, mal convalescente, agradece quase em silêncio.

— Lá você fica mais à vontade, Maria. Tem menos gente.

3

Maria acredita que ele esteja procurando, de novo, as intimidades da vida de casado.

— Sim, é mesmo melhor, Seu João.

Ri:

— Não me ajeito pra dormir em cama.

A barca traz rapadura, arroz, farinha, grandes fardos de tecidos, açúcar, ferragens, miudezas. Na popa, uma pequena cozinha.

Vicente, cozinheiro e despenseiro de bordo, arma as redes do casal.

18 O Banho

1

Menos pela ciência do doutor do que pela dedicação de João da Grécia, Maria vai recuperando os movimentos, os olhos, a vida. Como que nasceu de novo. Na barca faz ela própria a comida, e essa ocupação sempre a acorda por uns instantes dos seus pensamentos.

2

O *Barão* encalha de novo.

Entre a barca e a beira do rio, o poço é fundo, bom de nadar. Maria não resiste: joga-se na água. Não nua: mas a anágua não lhe esconde o corpo moreno, cuja cor não se confunde com o remanso barrento, que às vezes larga para tentar lutar contra a corrente.

3

Mas a corrente puxa com força. Não é fácil ir contra o velho rio poderoso. E ela volta ao remanso.

4

João fica vendo aquele jogo uns momentos até que alguma coisa nos olhos dela lhe diz que é inútil resistir.

— Vem, Seu João!

E sorri.

Não precisava ter falado. O caboclo se joga no rio, o braço forte fende a água. Ele nada, ela foge, ele pára, ela volta.

Gargalhadas, mergulhos, corpo no corpo.

5

À noite João guarda a faca no fundo da mala de couro.

E tem uma surpresa para Maria: numa meia hora em que se ausentou, arranhou leite e umas cajás bem doces (é março). Estende a Maria um copo cheio de cajá com leite — amassado por suas fortes mãos.

Nos olhos de Maria, a esperança é como um resto de coroa de areia que a enchente ainda não acabou de afundar. Não se sabe se escapará da chuva da lua nova, ou se as águas vão agora baixar. Nem se o rio comerá a areia depressa, depressa...

19 O Presente

1

Quando chegam a Amarante, João fala com o despenseiro:

— Olha, compadre, tenho um presente para você.

Tira a faca da mala.

Pára um pouco:

— Comprei para um fim que tinha em vista. Não penso mais nele não. A faca é sua.

Gaba o presente:

— Coisa cara. O senhor, compadre, me ajudou a tratar da mulher. A faca é sua.

2

Vicente, o despenseiro, olha a faca, olha o velho. Há alguma coisa naquilo que não sabe explicar. Mas agradece.

— Obrigado, Seu João.

Um brilho lhe passa nos olhos:

— Quando precisar de mim, é só dizer.

Acrescenta, com os dentes num riso largo:

— De mim e da faca também...



20 Dr. Genésio

1

Naquela tarde, o Juiz da Capital, Dr. Genésio, vindo em comissão para apurar umas questões de terra grande com muito sangue derramado na comarca longínqua, diz, deitado na rede, ao promotor, Dr. Felício, que lhe faz a visita de todas as tardes:

— Já ouviu falar num tal de João da Grécia? Parece que é gente
daqui mesmo.

E lhe mostra o telegrama recomendado urgentíssimo que recebeu do Governador.

2

Dr. Felício abre-se em espanto. E prevê barulho grosso: o homem é amigo do Juiz de Direito, do outro lado do rio. É preciso ter cuidado.

Mas o Dr. Genésio sabe que com o Governador não se brinca. Foi seu colega de república no Recife, conhece-o bem. Manda chamar o delegado interino de Polícia, capitão em comissão, vindo com ele de Teresina:

— Capitão Clóvis, assim que chegar o *Barão* me traga aqui este João da Grécia mais a mulher. O homem está interessado neles.

E mostra-lhe o telegrama.

21 O Bumba-Meu-Boi

1

Enquanto esperam em frente à casa do Dr. Genésio, chega o bumba-meu-boi. Abrem-se as portas da casa de par em par.

E logo começa a dança.

2

lho, não hesita em matar o boi de estimação do fazendeiro. E sofre, apesar das suas manhas, as conseqüências. Mas isso não impede a mulher de traí-lo. Catirina é assim mesmo, a natureza a fez inconstante e vária: se entrega a qualquer um. Ao fazendeiro, pelas suas posses; ao doutor, o Dr. Cachaça, um pobre-diabo, pelas suas graças; aos demais vaqueiros. Aceita ficar na fazenda. Para trabalhar? Não, para namorar. O boi está morto.

- *Chico tira a língua,
Chico tira a língua,
Se tu quer tirar.*
- *A língua tá dura,
a faca está cega,
não posso tirar.*

3

É então que vem a luta das facas. As facas são amoladas no ar. Estão prontos para lutar, menos pela posse da mulher do que pela

posse do boi. O boi é que é o herói do auto — o boi é que dança.

4

Maria, porém, não vê o boi.

Maria vê as facas brilhando: os olhos se abrem escancarados, em agoniado espanto.

5

E João também não. Ele vê a traição.

O velho muda o rosto, já não é o mesmo. Um estranho sentimento o agita:

— Devia matar não o boi, mas a mulher!

22 O Inquérito

1

O Juiz não é do lugar, o delegado não é do lugar: não conhecem João, João não os conhece.

Mas o velho ergue a cabeça no aprumo bem vertical de todo o corpo. E explica tudo devagar:

— Seu Doutor Juiz, o senhor pode ouvir os passageiros todos do vapor: quase me matei de trabalho para salvar minha mulher de impa-

ludismo. Ia agora matar a moça de faca? Não faz sentido. O senhor ouça os passageiros.

Mas o culpado sou eu mesmo. Tudo veio de uma brincadeira minha, brincadeira de velho ciumento. Deu essa mania aqui na moça. E teve lá em Teresina uma velha (com perdão da má palavra, Seu Doutor Juiz) mexeriqueira sem-vergonha pra fazer essa intriga toda.

Sou homem que nunca fui na cadeia. (João baixa os olhos, sabe que está mentindo.) Voltei do Amazonas, nota de cinquenta para mim era a mesma coisa que dez tostões. Voltei por causa da mulher, que não via há cinco anos.

Nunca fui de matar, moço. Matar, só onça e bicho do mato. O senhor ouça o Seu Doutor Juiz de São Francisco, seu colega ali de defronte. Ele sabe quem eu sou, que é meu compadre.

O senhor quer saber? Sem nem adivinhar que esse fuxico da negra Ana lá em Teresina tinha ido pra diante, dei ontem a faca pro Vicente despenseiro.

Maria não diz nada, de cabeça baixa, silenciosa e desesperados olhos. Não tem para onde ir. Treme.

O Dr. Genésio considera, pergunta:

— E a senhora o que diz, dona?

Mal consegue falar, é preciso pedir que repita mais alto:

— Ele tem uma faca...

Mas não chora.

Torce, mistura as mãos, enxuga as mãos no vestido.

Diz também:

— Eu tinha fome...

23 Correspondência

O telegrama diz:

<i>Oficial</i>	<i>Palavras</i>	<i>N.º</i>
----------------	-----------------	------------

Governador Estado Teresina

164	<i>Atendendo recomendação Vossência ouvi indiciado e passageiros Barão Grajaú sobre acusação relativa João Bernardo Gomes vulgo João Grécia atentar contra vida mulher pt João nega energeticamente pt Passageiros unânimes</i>
-----	---

*declaram tratou esposa durante viagem com maior dedicação salvando-lhe vida
ataque impaludismo pt Diante desses depoimentos deixei-os seguir viagem vizi-
nho Estado pt Aguardo instruções Vossência fazê-las cumprir pt Saúde e Fra-
ternidade Doutor Genésio Furtado Juiz de Direito da Capital em comissão espe-
cial na Comarca de São Gonçalo do Amarante*

24 Uma Faca por um Anel

1

João deixa a mulher esperando na casa de Dona Sinharinha, a arrematante da passagem, ali mesmo na beira do rio.

Vai ao *Barão*, procura Vicente:

— Seu Vicente, me perdoe, preciso da faca.

Vicente se assusta:

— Virgem Maria, que é que o senhor tem?!

Não, não tem nada. Mas vai pra fora, se lembra agora de que ia precisar da faca. Tem outro presente para ele. Tira um dos anéis:

— Assim provo melhor minha amizade, compadre.

Uma coisa leve desponta na cara do velho, quase um sorriso (mas parece mangação):

— Sem o senhor, minha mulher não estava viva.

2

Ao cair da tarde, atravessam o rio.

25 Conhecidos

1

Encontram pessoas conhecidas. Mal olham Maria:
— Como vosmincê está magra, Siá Maria!

2

168 Os olhares vão todos para João da Grécia:

- Seu João nem parece o mesmo!
 - O senhor está mais moço, Seu João!
 - Gente, compadre João virou doutor: de colete, de gravata, de corrente de relógio! Não é dia de eleição nem nada!
 - Quanto vale o brilhante desse anel, Seu João? É anel de doutor?
 - Seu João agora vai ser coronel!
- João sorri, encabulado e feliz.

26 Meu Pai

1

Em São Francisco, Maria procura a casa de meu Pai. Vai só: mas não o acha.

2

170 Quando me dei por gente, reparei que meu Pai não era homem

de pescarias nem de caçadas. Mas infalivelmente passavam por ali em idas e vindas para ouvi-lo sobre espingardas e anzóis, mostrar-lhe os fidalgos mais frescos ou a paca mais gorda.

Só homem feito compreendi: sua última caçada fora no dia em que Maria debalde o procurara. Batera à sua porta: ele fora caçar.

3

Ainda a velha Sabina lhe explica que o senhor está na caça, vai dormir na Fazenda Nova, e já a sombra de João da Grécia raspa o chão.

— Vi logo que você vinha me esperar aqui, Maria. Cadê o doutor?

4

Dormiram juntos na hospedaria de João Paraense.
Juntos: cada um em sua rede.

No outro dia de manhã cedo começam a jornada para o Humaitá
— dez léguas terra adentro.

27 A Confissão

1

Antes, porém:

- Seu João, posso ir na igreja me confessar?
- E isso é coisa que se negue a um cristão, dona?

2

O Padre é muito bom com ela, ouve tudo com paciência, dá-lhe 173

a bênção. Diz:

— Ele não vai fazer uma malvadeza dessas com você. Se ele está dizendo que não? Você o conquista com seu amor, sua dedicação. Seu dever de mulher é acompanhar o marido. Isso é ciúme de velho: mas passa. Paixão de velho por mulher moça...

Ri. Ela também ri, mais animada. E o Padre:

— Diga que eu quero falar com ele.

3

Mas João recusa. A viagem é longa.

Olha para ela com um jeito desenganado:

— Já sei o que é que ele quer comigo. Eu é que não quero nada com ele.

4

Daí a momentos estão montados.

28 Água Azul

1

O sol já quebrou quando chegam ao lugar Água Azul. O nome vem de uma aguada que tem por ali, a água limpa correndo entre pedras e grutas. No poço, até onde se vê, a água é azul e cobre um homem. O rio não passa muito longe. Os caminhos na areia estão sempre frescos. De um lado a mata, do outro as clareiras que dão para a chapada.

João não resiste ao amor que vem crescendo dentro dele. Na beira do poço ficam as roupas. A idade não parece ter passado por ele, não deixou marca. Maria se entrega às provas de amor primeiro em silêncio, depois com súbita alegria. Tudo foi um pesadelo que ficou para trás. (Os olhos são invadidos pela esperança: — como as coroas de areia que as águas, baixando, revelam em todo seu mistério.)

Maria não chega a se vestir. Olhando aquele corpo que acaba de ser seu, cresce aquele sangue na vista de João. Maria nem vê a mão que avança, a faca entra abaixo do seio esquerdo, ela não dá um gemido, escancara apenas os olhos como se fosse engolir o mundo. João tira a faca, da ferida nem sai sangue, mas onde foi o sangue do rosto de Maria? Sangue que cresce nos olhos de João, sangue derramado dentro do coração de Maria.

João da Grécia deixa os cavalos selados, amarrados ali mesmo. Não se volta. Não quer parar, não quer olhar, não quer ver. O escuro de repente desabou sobre a Terra e sobre ele. Anda, naquela noite, dez léguas a pé, pelo mato, no escuro. Quando meu Pai abre as portas de casa, encontra-o no alpendre.

— Doutor, me aconteceu uma desgraça.

Um silêncio.

— A desgraça maior que podia haver.

E logo:

— Esta noite matei a Maria.

O corpo foi encontrado no outro dia por umas lavadeiras que queriam aproveitar a fresca da madrugada. Junto dele, o punhal. Dois cavalos de sela nova amarrados ali pertinho.

29 Uma Pedra e Uma Cruz

1

Enquanto João esteve preso, meu Pai guardou o dinheiro dele.

Pegara vinte anos de cadeia, tivera de vender tudo, dar tudo para pagar advogado vindo de longe, de São Luís. João foi o melhor preso daquelas bandas do rio Parnaíba. Preso é um jeito de dizer: passava o dia solto. Capinava rua como ninguém. Fazia gaiola para menino, arapuca que ensinava a armar, pião que ensinava a rodar. Era preciso

limpar uma estrada? Limpava. Era preciso acender carbureto para as festas da Intendência? Acendia. O rio enchia? Ajudava a salvar gente. A seca chegava? Ia fazer cruera para matar fome de retirante.

2

Havia, porém, uma ordem do Juiz: João da Grécia não podia andar armado. Não devia andar armado. Mas, apesar de todos os cuidados, conseguiu uma faca da mão de um retirante que passava por lá. E era tal a confiança que inspirava a todos, que foram deixando. Sim, confiança. Não era faca de fazer gaiola, armar arapuca, alisar pião, cortar esqueleto de balão e cruz de papagaio? Faca, na mão de João, ajudava a todos. Confiança por demais?

Sim, confiança mesmo, não descuido, me corrijo. João merecia. Mas foi nova desgraça.

3

Um dia outro preso brincou com o velho. Disse coisas de mulher-

da-vida. João da Grécia não gostava, não gostou.

Foi quando Serafim, que mal o conhecia, falou na morta:

— Por essas e outras é que tua mulher te...

Não chegou a dizer tudo. João partiu para ele. Serafim matou, mas para não morrer: um segundo mais, e teria sido estrangulado no chão. Conseguiu alcançar a faca na cintura de João da Grécia, furou a esmo.

4

A ferida era ruim, pegara nos intestinos. Logo se viu que era mortal: o velho não durava muito.

Mas ia morrendo devagarinho.

Passou na rede em frente lá de casa, quiseram parar, não deixou:

— Tem o menino aí. Me levem pra cadeia, não chamem doutor. Não adianta. Sangue pouco por fora, muito por dentro: desta não escapo.

Falava com esforço, quase não se entendia.

Ia morrendo devagar, muito devagar, quase sem dor.

Não quis ver o Padre:

— Minhas contas ajusto lá em cima.

Pela primeira vez, naqueles anos todos, falou no crime.

— Meu pecado foi grande demais, não tem perdão.

Ofegava. Veio um pouco de sangue à boca:

— Lá em cima falo com Deus. Só a misericórdia dele me salva.

Só. Deus é velho. Vai ter pena de outro velho, não me joga nas profundas.

Era difícil ouvir:

— Ela está na luz divina. Nem vai me olhar mais outra vez.

Mandou chamar meu Pai, disse a ele:

— Doutor, tem o dinheiro que o senhor está guardando pra mim, para comprar de volta a minha terra. Mande me enterrar com decência, junto com ela, em chão de Deus. E se der sobra, mande botar uma pedra e uma cruz por cima de nós.





